AVENTURA EM UM fusca azul





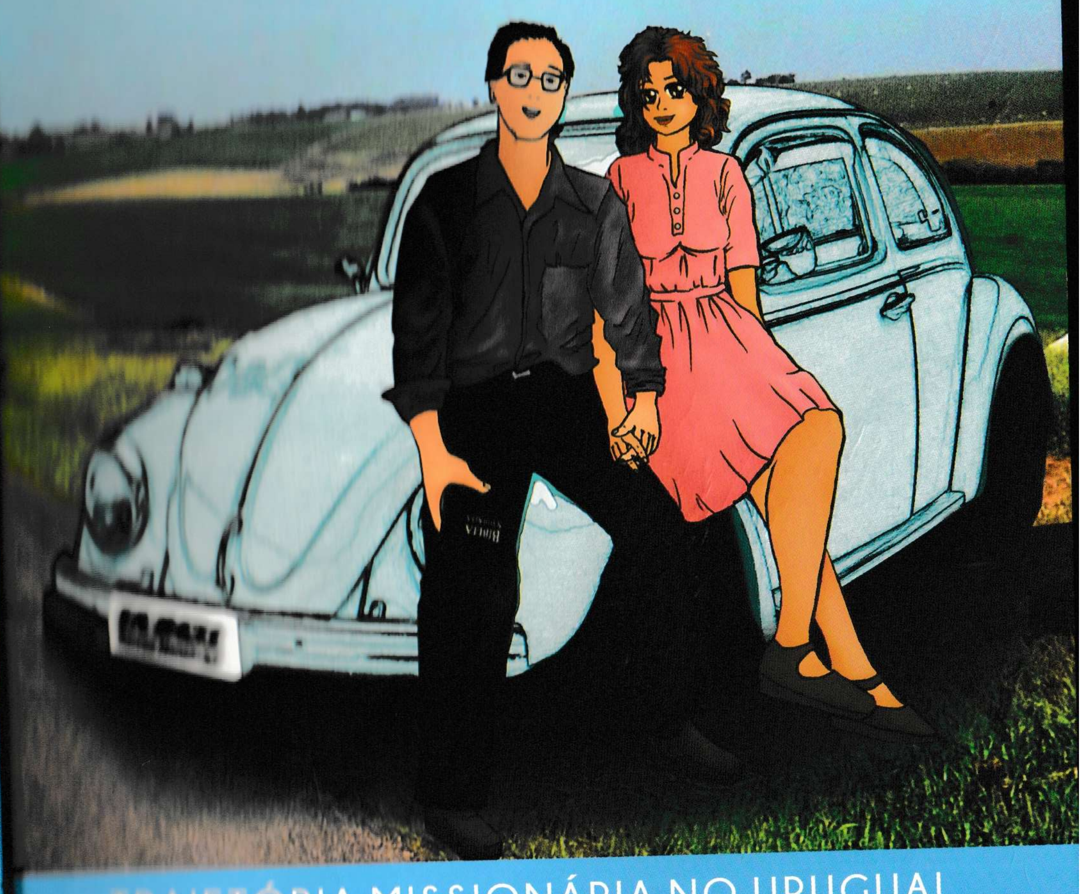
TRAJETÓRIA MISSIONÁRIA NO URUGUAI
PR. GERALDO E ELVIRA RANGEL

AVENTURA EM UM FUSCA AZUL

Senhorinha Gervário

Senhorinha Gervásio

AVENTURA EM UM fusca azul



TRAJETÓRIA MISSIONÁRIA NO URUGUAI
PR. GERALDO E ELVIRA RANGEL

GERVÁSIO, Senhorinha
Aventura em um fusca azul -
Trajetória missionária no Uruguai -
Pr. Geraldo e Elvira Rangel.
Belo Horizonte, janeiro de 2015.
96 p. 21 cm

Diagramação - Margareth Caetano
Ilustração da Capa - Senhorinha Gervásio
Revisão - Pr. Francisco Mancebo Reis

Primeira impressão: 1000 unidades

Para aquisição deste livro, contate com:
Pr. Geraldo Rangel – *prgeraldo.rangel@oi.com.br* – Tel.: 31 3444.1694, Ou com Elvira, na *ufmbm@batistas-mg.org.br* – Tel.: 31 3444.9632

A Deus por me permitir a realização de um sonho ministerial

A Elvira e Pr. Geraldo que ao me confiarem a narração de sua história me deram um grande presente

A Tania Araújo, amiga e encorajadora

Ao marido Wagno e filhos Bruno, Breno e Júnior, família abençoada e abençoadora

A todos que lerão e se emocionarão com esta história

dedico este livro.

PREFÁCIO

Neste livro você encontrará a história de duas vidas. Vidas que marcam e foram marcadas pelas escolhas que fizeram. Esta é a história de Geraldo e Elvira Rangel. Desde cedo alimentavam em suas mentes e corações um ideal: servir a Deus como missionários e com este objetivo, se prepararam, apresentaram-se a Junta de Missões Mundiais e foram designados para o Uruguai.

Trata-se de uma história comovente, marcada por renúncia, desafios e vitórias. Deus é assim, quando encontra de nossa parte a disposição do coração, caráter marcado pelo desejo de servir e esforço sistemático, Ele atua de maneira a conduzir-nos nessa jornada. É isto que você verá na jornada desses dois obreiros, que com seu fusca azul, embrenharam-se pelos caminhos da obediência e conseguiram realizar um ministério dedicado e consagrado a Deus e ao povo uruguaio.

Nesse país, nasceram-lhe seus três filhos. Nesse país tiveram as mais fortes experiências. É fácil emocionar-se com o relato. Trata-se acima de tudo de uma história de amor. Amor a Deus acima de todas as coisas. Amor a missões. Amor ao povo uruguaio. Amor de duas pessoas que se encontraram e se uniram em torno de um ideal: servir a Deus na obra missionária.

Boa leitura

Pr. Wagno Alves Bragança

GRATIDÃO

A Deus nosso Pai que nos criou, salvou, chamou e capacitou para a obra missionária. A Ele seja o louvor e a glória!

Aos irmãos em Cristo das igrejas da Convenção Batista Brasileira que nos enviaram através da nossa amada Junta de Missões Mundiais, que fielmente enviou o sustento mensal, intercedendo e atendendo as nossas necessidades nas lutas, características de um campo missionário. Muito obrigado aos diretores executivos e a todos os irmãos da sede da JMM.

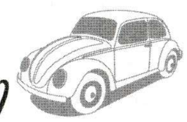
Aos irmãos da Convenção Batista do Uruguai, que nos receberam com amor e carinho, dando-nos todas as oportunidades de servir no seu país.

Aos nossos pais e familiares que, entendendo ao IDE de Jesus, nos apoiaram em tudo.

Aos nossos filhos: Daniel, Eliane e Ana Cristina que, com coração metade brasileiro e metade uruguaio, souberam administrar a dupla cidadania para servir a Cristo.

Pr. Geraldo e Elvira Rangel

SUMÁRIO



A Chamada

PELOS CAMINHOS DE UMA FAZENDA

Geraldo Rangel nasceu em um ótimo lugar para se nascer. Na sede de uma das três fazendas de seu pai. O ano era 1945. Quando chegou, a casa espaçosa também chamada "casarão" já estava cheia. Eram muitos irmãos: Rangelito, Hélio, Francisco, Darci, Aldejar, Creusa, Neiva, Antônio, Adalberto e Adilson. Encontrou dez irmãos à sua espera. Mais tarde chegaria a caçula Elisa. Seus pais, Sr. Joaquim e Sra. Isaura Rangel foram servos obedientes a Deus que oravam todos os dias, citando em voz alta o nome da cada filho e aos domingos os levavam para a Escola Bíblica Dominical.

O menino cresceu entre a exuberância da natureza com plantações, animais e a beleza de um rio. Esse paraíso fica entre os municípios de Campos dos Goytacazes e São Fidelis, no

Estado do Rio de Janeiro. É a Vila de Ernesto Machado! E o rio, o Paraíba do Sul! Vivendo em um lugar desses o que mais um menino poderia querer?

À medida que crescia, Geraldo tomava posse do lugar. Comia frutas em cima das árvores, jogava bola, andava a cavalo, brincava e também brigava com seus irmãos. Como era natural na época e no lugar em que nasceu, Geraldo não vivia só de brincadeiras e brigas. Como todo menino de roça ele trabalhava e muito! Dava comida aos porcos cevados, aqueles que eram tratados com carinho especial. Buscava os bezerros no pasto e os prendia no curral, pegava o cavalo de montaria para o pai e fazia compras no armazém. Com seus irmãos Adilson, Adalberto e Antônio levava o almoço para seus outros irmãos (os mais velhos) que trabalhavam na lavoura de cana de açúcar. E isso debaixo de um sol escaldante. Era um trabalho difícil, mas muito bom de fazer!

Naquela época os mais velhos exigiam obediência e educação por parte das crianças. E um dia Geraldo teve de escolher a quem obedecer.

A mando de sua mãe levava a comida para os irmãos na plantação de cana. No caminho encontrou-se com o avô Francisco Rangel, que lhe deu outra ordem:

— "Acá Gerardo", vá comprar cigarro pra mim! — Disse o avô em tom severo.

— Não! — respondeu o garoto firmemente.

Geraldo amava a sua mãe. E embora amasse também a seu avô, ele devia antes obediência a ela do que a ele. Além do

mais tinha compromisso com os irmãos. Depois de um breve silêncio, olhando firme para o avô, acrescentou:

— Mamãe nos mandou levar almoço pros meninos!

— Seu malcriado vou contar pro seu pai! — respondeu vovô Francisco, também chamado por eles de "papaizinho".

No fim da tarde, depois de andar 10 km de ida e vinda do canavial, seu pai estava a sua espera para saber por que não havia atendido à ordem de seu avô.

O menino, esperto como era, respondeu-lhe com outra pergunta:

— Devo obedecer à mamãe ou ao Papaizinho?

Seu pai era um homem de disciplina, mas também de acentuado senso de justiça. Diante da resposta do filho convenceu-se de que ele estava certo e não merecia castigo.



Casa onde Geraldo nasceu, em Ernesto Machado – RJ.

UMA AVÓ QUE CONHECEU O LADO CINZA E O LADO COLORIDO DA VIDA

Elvira Maria Gonçalves nasceu em Aimorés no Estado de Minas Gerais, em 18 de novembro de 1947. Como herança recebeu o nome da avó Materna. Vovó Elvira Brum era mulher que numa época distante, como jovem viúva conheceu o lado cinzento e triste da vida. Tanto sofreu que quis dar cabo de sua existência. Como lavadeira que era, naquele dia acompanhada de sua filha Terezinha e seu filho Antônio, rumou-se para as margens do Rio Doce, onde as mulheres lavavam suas roupas. Mas nesse mesmo dia conheceu um grupo muito especial de lavadeiras que cantavam à beira do rio. O que havia de especial naquelas mulheres é que elas louvavam a Deus, com hinos do Cantor Cristão.

A pobre mulher na sua imensurável tristeza não conseguia entender como aquelas lavadeiras debaixo do sol causticante podiam cantar músicas tão consoladoras! À medida que ouvia as vozes foi se deixando levar pela beleza das melodias e significado das palavras. Sentiu-se como se um sol penetrasse em sua escuridão, transformando, de forma suave, todo o seu interior.

Era preciso saber mais sobre aquele milagre! Achegou-se a elas e pôde receber palavras anunciadoras da paz que só Cristo pode dar. Também recebeu um convite para participar de uma organização específica para mulheres, chamada Sociedade de Senhoras. A Igreja era a Primeira Batista da cidade de Aimorés.

D. Elvira Brum tomou novo propósito na vida. Ela, Antônio e Terezinha tornaram-se membros da igreja, sendo batizados pelo pastor Josino Pires. No seu coração acendeu-se a chama do amor pela obra de anunciação da Palavra de Deus. A partir de então iniciou uma batalha de intercessão para o futuro, pedindo a Deus que chamasse seus netos para os campos de missões.

O tempo passou! Terezinha cresceu e se casou. Um dia, quando esperava seu primeiro bebê, as duas participavam do culto do dia de Educação Feminina, 23 de junho. No momento da dedicação de ofertas ambas oraram dedicando a Deus o bebê ainda no ventre.

A oferta para Educação Feminina era destinada às duas escolas de formação de mulheres vocacionadas ao ministério, SEC – Seminário de Educadoras Cristãs, na cidade de Recife, e o ITC – Instituto de Treinamento Cristão, na cidade do Rio de Janeiro, que anos mais tarde passou a se chamar IBER – Instituto Batista de Educação Religiosa.

Deus quis que aquele bebê fosse uma menina. A menina Elvira, filha de Terezinha e Camilo Gonçalves.

No ano seguinte ao nascimento de Elvira, 1948, a família mudou-se para a Cidade de Governador Valadares, que nessa época estava recebendo muita gente em busca de pedras preciosas. Seu pai, ótimo enfermeiro, foi trabalhar com um médico recém-formado, fixando residência bem no centro da cidade. Vovó Elvira Brum acompanhou a família. Nessa época Sr. Camilo ainda não havia tido uma experiência de salvação em Jesus Cristo. Mas pouco a pouco foi conhecendo a verdade do evangelho, e um ano após sua mudança para Governador Valadares, enquanto estudava uma lição da Escola Bíblica Do-

minical, aceitou o sacrifício feito por Cristo para a salvação de todo o que nEle crê. Foi batizado e durante toda a sua vida permaneceu fiel, atuando como diácono da igreja.

Frequentavam a Primeira Igreja Batista de Governador Valadares. Ali a família cresceu com a chegada de Aurizé, Ivete, Camilo, Gláucia, Berenice e Daniel. Elvira e seus irmãos estudavam no Colégio Batista Neder Issa, que pertencia ao Pr. Jorge Neder, um paulista formado pelo Seminário do Sul, que tinha alma de educador.

Apesar de pertencer a uma família com poucos recursos financeiros, Elvira e seus irmãos conviviam com os filhos de famílias de alto poder aquisitivo, como donos de minas de esmeraldas e do prefeito, pois todos moravam perto e no centro da cidade. As crianças brincavam juntas no parque da prefeitura, um lugar arborizado e tranquilo. Entre as árvores estava um sapotizeiro.

Nesse tempo os meninos souberam que chicletes eram feitos de sapoti. Assim, na falta deste, mascavam folhas do sapotizeiro, fingindo estarem mascando a guloseima.

Na verdade eles não estavam errados. Pesquisas dizem que os povos Maias e Astecas, bem como outras civilizações pré-colombianas, mascavam o látex do sapotizeiro, que recebia o nome de chicle. Em 1872 o inventor americano, Thomas Adams, fabricou o primeiro lote de chicletes em formato de bola, aromatizando as resinas naturais. Nas décadas seguintes, ele abriu várias fábricas para atender a demanda crescente dos consumidores americanos pelo novo produto. Após a Segunda Guerra (1939-1945), as resinas naturais foram substituídas por substâncias a partir do refino do petróleo.

A vida era uma festa para Elvira e seus irmãos. Sua mãe era a alegria da casa. Criativa como só, inventava formas as mais diferentes para agradar aos filhos. Tudo em suas mãos virava festa. Por isso os adolescentes e jovens da igreja gostavam de ir para sua casa. Ela fazia uns pastéis deliciosos!

Nenhum aniversário dos membros da família passava em branco. A festa era chamada de "almoção especial". Nessa refeição comiam bife de carne bovina e tomavam guaraná Antártica. Uma vez, em um dos aniversários de Ivete, o dinheiro não dava para comprar o bife. Então Sr. Camilo comprou bucho bovino. Ainda assim, o almoço não deixou de ser especial. Eles comeram bucho à milanesa com guaraná. A farra foi completa!

D. Terezinha era mesmo uma mulher especial! Além das festas, ministrava também aulas de etiqueta e boas maneiras às filhas, pois certamente se casariam com homens importantes. Nessas ocasiões as meninas passavam por verdadeiras provas e o desafio era desfilar pela casa com um prato no "cucuruto" da cabeça. A tarefa parecia difícil demais para as garotas que, ainda assim, caminhavam de um lado a outro da sala, buscando o máximo de equilíbrio possível.

— Barriga para dentro, ombros para trás! — era a voz da mãe, tentando endireitar os corpos das meninas.

— Como é alto o preço da elegância! — Pensava Elvira desolada.



Elvira e seus irmãos

O PREÇO DE UMA DESOBEDIÊNCIA PODE SER MUITO ALTO

Geraldo não tinha permissão para tomar banho no rio, mas aproveitava cada descuido dos pais e corria para lá com seus irmãos. Ele estava aprendendo a nadar! Só que naquele dia deu uma volta maior do que a de costume e não tomou pé. Começou a se afogar. Como o bravo guerreiro encara seu inimigo, o menino enfrentava as águas! Seu único pensamento era se salvar. Sua única ação, se debater em busca da superfície. Toda a sua aflição era indescritível. E no meio dela sentia pouco a pouco a vida desfalecer! Seus irmãos: Adilson, Adalberto e Antônio passavam pela mesma angústia. Não sabiam o que fazer! O menino estava completamente submergido nas águas.

No casarão, naquele momento, os adultos prestavam a Deus um culto, cantando, orando e ouvindo a pregação da Bíblia. E no rio os meninos sofriam com o desespero da possibilidade de perderem o irmão. De repente, foram como que iluminados! Os três formaram em torno dele uma corrente de mãos dadas e resgataram-no já inconsciente.

Agora ele está estirado no chão. Seu corpo frio e franzino de menino de dez anos se contrasta com a imensidão das areias quentes do Paraíba do Sul. Seus irmãos, os mesmos que o tiraram das águas, ao seu lado procuram aquecê-lo como que em busca do seu fôlego, sua respiração, sua vitalidade de menino peralta.

Quantas vezes sua mãe lhes dissera que as águas de um rio são traiçoeiras... Antônio, o mais velho, sentindo-se responsável indaga aos outros:

— E se ele não acordar?

— Não! Não pense nisso! — Retruca Adilson, querendo acreditar em suas próprias palavras.

O certo é que os pensamentos dos bravos garotos diante do corpo já quase moribundo do irmão mais novo, voam como aves revoltas num arrozal de cachos maduros. Ora, pousam nos conselhos da mãe, ora, no prazer de nadar livremente, ora, na proeza de salvá-lo das águas... Ora, na possibilidade de nunca mais vê-lo.

As gotas salgadas das lágrimas lhes embaralham os olhos. A dor e o aperto do peito, o tremor nas pernas os impedem de buscar socorro.

Mas eis que de repente, algo acontece! O socorro está bem ali. Ele está presente! O menino abre os olhos e senta. Os irmãos sentem-se novamente como bravos guerreiros. Correm, gritam e pulam com alegria incontrolável. Só Geraldo está quieto, calado. Uma estranha fraqueza percorre seu corpo. Mas o que o perturba tanto não é o incômodo físico, mas sim um pensamento fixo: a surra que certamente tomará dos seus pais.

Aqueles irmãos eram unidos no trabalho e nas peraltices. Mas diante de um fato tão grave poderiam eles manter o pacto do silêncio? Ou deveriam contar aos pais aquela louca aventura? Só o tempo responderia estas perguntas.

UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL I

Enquanto crescia, Elvira via e ouvia sua avó ler Bíblia e orar pelos filhos e netos. Especialmente para que Deus os chamasse para a obra missionária. Aos seis anos teve a experiência de salvação em Jesus Cristo com o trabalho da Escola Popular Batista, realizado pela missionária itinerante Eunice Rocha.

Quando estava com oito anos, em 1956, seu pai foi convidado a trabalhar como enfermeiro na Madeireira Pastoril, e a família mudou-se para o acampamento da mesma, onde moravam todos os outros funcionários.

Aquele era o lugar perfeito para a felicidade de uma criança. Um espaço com escola, cinema, teatro, além de estabelecimentos como armazém e açougue. Sem contar, é claro, com a enfermaria em que trabalhava Sr. Camilo como enfermeiro chefe. Mas o que fazia a alegria da criançada era mesmo o campo de futebol. O time da empresa era um dos melhores da região e em seu campo recebia outros, famosos de vários lugares. O time da Pastoril chegou mesmo a receber em certa ocasião o grande jogador brasileiro Mané Garrincha.

Além de todo tipo de brincadeira de que Elvira participava no acampamento, participava também com sua família de cultos que eram realizados nas casas e, às vezes, debaixo das mangueiras, durante a semana.

Aos nove anos foi batizada pelo Pr. Joel Lopes da Silveira na Igreja Batista da Esplanada, em Governador Valadares. Era uma menina integrada nas atividades da igreja, principalmente na distribuição de folhetos. Desempenhava tão bem essa tarefa

que recebeu o apelido de "missionariazinha". Ela ficava alegre com isso porque gostava muito de ver e ler sobre a vida dos missionários.

Nessa época foi iniciada na igreja uma organização missionária específica para meninas de sua idade: Mensageiras do Rei. A Sra. Sizina Xavier de Freitas teve a visão e liderou o grupo. Uma das estratégias usadas para a educação cristã das meninas era a leitura das histórias de vida e obra de missionários nos vários campos. Nessa época, Elvira leu um livro que provocou em seu coração grande interesse pela obra de pregação do evangelho. Era a história de Ana de Ava, casada com Adoniram Judson. Trabalharam como missionários na Birmânia a partir de 1813. Uma parte do período de trabalho, por causa da guerra com a Inglaterra, Adoniram permaneceu em uma prisão na cidade de Ava. Nesse período, Ana, que o visitava diariamente, precisou esconder dos policiais o manuscrito da Bíblia que Adoniram estava traduzindo para a língua birmanesa. A princípio, ela o escondeu em um saco no jardim da casa. Depois o costurou dentro de um travesseiro feio e duro, para não despertar interesse de ninguém, e o levou à prisão. Assim a Bíblia foi protegida durante a guerra. Ana morreu no campo missionário em 1826.

D. Sizina organizou um retiro para as Mensageiras do Rei debaixo das mangueiras do quintal do templo da Igreja Batista de Vila Isa. Maria Ferraz, missionária na Bolívia, foi convidada

como preletora. Ao ouvir a narração de suas experiências no campo, Elvira sentiu Deus lhe falar. Mais que depressa contou à sua líder o que lhe passava no coração:

— Deus está te chamando Elvira! Responde sim pra Ele — foi a orientação de D. Sizina.

Com lágrimas as duas oraram, e Elvira falou para Deus que estava pronta a obedecê-lo.

Era a resposta de oração de sua avó Elvira Brum. Nesta organização, ela aprendeu a servir a Deus, completando todas as etapas de estudos propostos para as meninas de sua idade.

Elvira agora tinha doze anos. Sua avó continuava trabalhando. Lavava e passava as roupas dos rapazes solteiros funcionários da Madeireira. Um dia, a garota recebeu um elogio de um dos rapazes que disse:

— D. Elvira, sua neta está ficando muito bonita!

Antes que continuasse aquela conversa, sua avó foi logo avisando:

— Ela vai se casar com um pastor!

Aquelas palavras da avó ficaram no coração da menina e sempre voltavam a sua mente. Foi então que percebeu que sua avó a dedicara a Deus para ser uma missionária e por isso orava permanentemente, e assim o fez até o fim de sua vida. Em 1961 Elvira com 14 anos viu os últimos dias de sua querida avó quando esta foi ao encontro de Deus.

Elvira morou naquele acampamento até os seus 16 anos quando a empresa foi transferida para o Espírito Santo e Sr. Camilo preferiu ficar em Governador Valadares.

A família mudou-se para o bairro São Pedro. E na Igreja Batista Esplanada ela participou em sua juventude. Continuou integrada, mas sem o ardor missionário de quando era criança. Às vezes no período de campanha para missões lembrava-se de sua experiência de chamada, mas logo afirmava a si mesma que sua tarefa agora era estudar e trabalhar para ajudar a seus pais.

UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL II

Aos doze anos Geraldo mudou-se juntamente com sua família para a cidade de Campos no mesmo Estado – Rio de Janeiro. Apesar de gostar da novidade advinda pela mudança, sentia enorme saudade da fazenda. Além disso, tinha um grande desafio pela frente: adaptar-se à nova forma de vida com costumes e práticas diárias muito diferentes das que ele amava na vida que tinha no campo. Principalmente, adaptar-se à rotina dos estudos. Definitivamente estudar, até então, não era sua prioridade. No início, sua convivência na escola se limitava ao grupo de irmãos, Adilson, Adalberto e Antônio. Com os demais colegas tinha um relacionamento de conflitos e brigas.

O comportamento do garoto preocupou a direção da escola. Nesse tempo Geraldo foi salvo pela atenção da professora, sua xará Geralda. Através da demonstração de carinho e amor, ela o conquistou e o incentivou aos estudos. E tudo foi feito de uma forma simples. Apenas por uma referência dada à diretora da Escola quando inquirida a seu respeito:

— Ele é um bom aluno! Só briga muito. — Foi a resposta da professora Geralda.

A partir desse acontecimento, Geraldo tomou gosto pelos estudos, pois achou justa a informação da professora à diretora. Durante sua vida escolar estudou no Colégio Batista Fluminense e no Liceu de Humanidades, instituições educacionais na cidade de Campos.

Frequentava a Sétima Igreja Batista e aos 14 anos aceitou a Cristo como Salvador e foi batizado pelo pastor Osvaldo Viana da Silva.

A partir daí começou orar e estudar a Bíblia com amor e devoção. Além disso, iniciou a leitura de uma série de livros de biografias missionárias. Encantou-se com as experiências vividas nos campos missionários por aqueles que, em obediência ao chamado de Deus, pregavam o evangelho em terras distantes.

Por esse tempo, sua irmã Creusa e seu cunhado Pr. William de Souza foram nomeados como missionários pioneiros no Paraguai. As cartas escritas por sua irmã, relatando as experiências no campo pareciam regar no seu coração a pequena semente da chamada de Deus para a obra missionária. Sentiu vontade de ir trabalhar com sua irmã no Paraguai!

Contudo seu amor missionário parecia bem guardado e escondido no coração. No seu entendimento ninguém percebia seu interesse pela pregação do evangelho em outros lugares do mundo. Até que um dia o pastor Manoel Bento chegou-se a ele perguntou de forma direta:

— Geraldo, você vai ser missionário?

A pergunta do pastor pegou Geraldo de surpresa. O que ele não sabia era que outras pessoas da igreja também reconheciam seu potencial missionário.

Pr. William e Creusa, missionários pioneiros dos batistas brasileiros no Paraguai, por questões de saúde, voltaram ao Brasil e foram morar em São Caetano do Sul, Estado de São

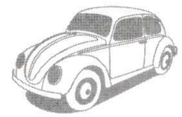
Paulo. Foi então que Geraldo transferiu-se para aquela cidade a fim trabalhar e terminar seu curso de Contabilidade, o que aconteceu no Colégio Barão do Rio Branco daquela cidade. Tudo estava indo muito bem. Ele estudava e trabalhava na fábrica General Motors do Brasil, da Chevrolet em São Caetano e aos domingos estava firme nas atividades da igreja. Sua intenção era fazer carreira, ganhando dinheiro, e trabalhar para a obra do Senhor na igreja local.

Mas eis que uma luta interna se inicia no seu coração. Sentia que Deus queria dele dedicação exclusiva no Seu trabalho. Deus o queria no campo missionário!

Depois de muita luta pessoal, sua decisão final aconteceu. A Igreja cantava o hino do Cantor Cristão número 414. Duas palavras do coro daquele hino não saíam de sua cabeça: “Acordai! Despertai”! Naquele momento Deus confirmou sua chamada para a vida de Geraldo: dedicação à obra missionária mundial. Seus olhos foram abertos e ele compreendeu o motivo de Deus tê-lo salvado das águas do Paraíba do Sul aos dez anos de idade.

Após aquele culto procurou seu pastor, compartilhando--lhe sua experiência. E ali no gabinete pastoral, ajoelhado humildemente, respondeu ao chamado de Deus como o Profeta Isaias: “Eis-me aqui”!

Nessa nova etapa de vida, Geraldo já não teve mais conflitos internos em relação à vontade de Deus. Mas, em seus relacionamentos interpessoais, tinha que dar muitas explicações aos colegas de trabalho que não conseguiam entender sua decisão. Achavam-no louco! Como podia um jovem com um futuro promissor, largar tudo e iniciar do zero. Começar um curso de quatro anos para trabalhar depois dele, e ganhar menos do que estava ganhando no momento? Era mesmo de se admirar!



O preparo

DECISÃO I

1969! Jovem saudável, boa aparência. Apenas magro e com cara de menino. Emocionalmente seguro, perseverante e de convicções firmes. Este é Geraldo aos 24 anos, chegando ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

O lugar, maravilhoso! Espaço enorme, com salas para as aulas, dormitórios para os alunos, refeitório e capela. Todos esses edifícios construídos ao redor de uma praça com bancos e jardins. Entre um edifício e outro, árvores frondosas, dando ao lugar o ambiente perfeito para um jovem socialmente tímido voltado a reflexões. Ao derredor da propriedade, a floresta da Tijuca linda e majestosa, completando o ambiente.

Como era de se esperar, Geraldo não conhecia ninguém. No início de sua estadia, quando chegava os fins de semana ficava sem saber o que fazer, a qual igreja frequentar.

Por essa ocasião, conheceu D. Mariquita, mulher comunicativa e solidária sempre disposta a ajudar os seminaristas. Trabalhava ali e lavava as roupas dos alunos, inclusive as de Geraldo. Todos os anos, D. Mariquita se deparava com alunos novatos e inexperientes. Um dia indagou a Geraldo se já tinha igreja para trabalhar. Ao ouvir o seu "não", pegou um pedaço qualquer de papel e rabiscou nele um bilhete com as seguintes palavras:

"Pastor Alberto, este é o seminarista Geraldo Rangel e ele não tem ainda uma igreja para trabalhar".

No final da semana lá estava Geraldo na Igreja Batista de Neves, entregando ao Pastor o bilhetinho no papel amarrotado de D. Mariquita. Um irmão da igreja que estava por perto foi logo dizendo:

—Nossa igreja não precisa de seminarista!

Muitos membros das igrejas batistas encaram a ajuda financeira aos que se preparam para o Ministério de Pregação da Palavra de Deus, como uma troca pelos serviços prestados à igreja durante o período do curso. Não tendo serviço na igreja para o estudante, não tem ajuda. Pr. Alberto Araújo e os demais membros de sua igreja não pensavam assim. Nesse mesmo domingo convidou Geraldo para almoçar em sua casa. E desta igreja, ele recebeu ajuda financeira para os quatro anos de estudos no Seminário, trabalhando com os jovens, fazendo evangelismo externo, pregando e dirigindo estudos bíblicos.

DECISÃO II

Em 1970 Elvira terminava o curso de Magistério. Achava que todos haviam se esquecido de sua experiência de chamada missionária lá do seu tempo de Mensageira do Rei.

No mês de setembro é costume acontecer nas igrejas batistas a campanha de Missões Nacionais com estudos e pregações relacionados ao tema e levantamento de ofertas para o sustento dos que estão pregando o evangelho de Cristo em terras brasileiras. Portas Abertas foi o tema daquele ano. Em um dos domingos aconteceu na igreja uma programação especial. Foi uma noite inspirativa! No momento do apelo muitos jovens foram à frente se apresentando a Deus para a obra missionária. Elvira não se manifestou.

Na segunda-feira, sua amiga Léa foi lhe falar da surpresa de não tê-la visto ir à frente se consagrando e reafirmando sua chamada. Sua resposta foi enfática:

— Léa, ser missionária é a última coisa que farei em minha vida!

— Vou continuar orando por você. — Disse-lhe a amiga, indo para o trabalho.

Aquele foi um dia muito difícil para Elvira. Tudo parecia dar errado. No final do dia ela estava emocionalmente cansada. Ao chegar em casa entrou pé ante pé, pois seus pais estavam orando. Quieta em seu quarto para não incomodá-los começou a ouvir suas palavras. Eles oravam por ela. Para que Deus a despertasse, fazendo-a se lembrar do compromisso feito com Ele quando criança.

Nesse momento aconteceu o quebrantamento do seu coração. Imediatamente juntou-se aos pais em oração colocando-se inteiramente nas mãos de Deus. Cumpria-se ali definitivamente a resposta das intercessões de sua avó Elvira Brum.

Elvira estava às voltas com a escolha de qual das duas escolas de preparação de moças vocacionadas deveria ir: SEC ou IBER. Após muita conversa familiar, incluindo a presença do Pr. Hilton Carneiro, pastor da Primeira Igreja Batista de Governador Valadares, a escolha feita foi o IBER.

Iniciaram-se os preparativos. Era outubro. Exames finais, formatura do curso de Magistério, leitura de livros para avaliação no IBER, preparo do enxoval de Iberista. Tudo parecia se misturar numa avalanche de emoções. As igrejas da cidade participavam da alegria de Elvira e a Primeira Igreja, da qual era membro, comemorava a ida da primeira moça para uma escola de preparação ministerial. Nessa época ela estava construindo seu templo. Mas isso não foi impedimento para que arcasse com o financiamento dos estudos da jovem. Afinal de contas, como disse o tesoureiro da igreja, Jackson Lopes "mais vale gastar com quem se prepara para a obra de salvar vidas do que com sacos de cimento para construir templos". Essas foram palavras que fortaleceram a vida de Elvira durante seus estudos.

Tudo preparado! O dia da viagem se aproximando. A Igreja fez uma festa de despedida com uma "chuva de presentes" e um lindo programa preparado pelas suas Organizações Missionárias. Os presentes eram específicos para a composição do seu enxoval durante os quatro anos de curso. Foi uma despedida emocionante!

O dia da viagem chegou. Elvira dava o primeiro passo, saindo do aconchego do lar rumo ao desconhecido. Embora sabendo que estava amparada no aconchego das mãos de Deus, a separação dos familiares era dolorida demais. Deixava pai, mãe e seus queridos irmãos.

Teve como companheira de viagem a jovem Solange Cardoso, da cidade de Engenheiro Caldas, pertencente a uma Congregação da Quarta Igreja de Governador Valadares. A viagem foi longa e chorosa. Os passageiros pensaram até que as duas amigas iam a um velório, devido ao choro que persistiu durante a noite de viagem.

Chegaram à rodoviária da cidade do Rio de Janeiro. Endereço nas mãos: "Rua Uruguai, 514 Bairro Tijuca". Ao descerem do ônibus, e juntarem toda a bagagem, as jovens procuraram um policial, mostrando-lhe o endereço. Ao examiná-lo o policial lhes perguntou:

— Estão sozinhas aqui? Sabem onde fica esse endereço?

Diante da resposta negativa das moças ele, parecendo simpático respondeu:

— Eu sei! Vocês vieram estudar no IBER! Sou da Igreja Batista de Nova Iguaçu. Vou providenciar um táxi pra vocês.

Após encontrar o táxi e acomodar as duas, o policial deu as ordens ao motorista:

— Leve estas moças nesse endereço. Chegando lá tem um portão grande. Depois de colocá-las dentro da propriedade volte aqui e me avise se tudo deu certo.

Deus estava cuidando de Elvira e Solange. Ao entrarem na propriedade do Instituto, carregadas de malas, as duas foram subindo as alamedas ladeadas de palmeiras e árvores frondosas. Estavam como que em um sonho!

Era início de março de 1971. Ao percorrer aquele caminho, avistando o prédio ao fundo Elvira se lembrou da época de sua construção. Uma campanha fora feita entre as mulheres batistas do Brasil para que cada uma contribuísse com a doação equivalente ao preço de um tijolo. Lembrou-se de sua querida avó e de sua mãe. Da alegria que sentiram ao participarem dessa construção.

Agora ali seria sua casa e sua escola por quatro anos. O futuro, só Deus saberia. Estava feliz. Havia tomado a decisão certa.

As portas do hall de entrada se abriram. Lá dentro alunas veteranas com o abraço de boas vindas. Cada atitude das colegas, cada canto do edifício, cada árvore, cada banco do jardim, era para Elvira a realização da coisa mais importante de sua vida: estar no centro da vontade de Deus. Preparar-se para a obra de evangelização em um campo de missões em alguma parte do mundo em que não houvesse a presença batista.

Os primeiros dias foram pura alegria e movimentação. Conhecer as colegas, participar da festa de boas vindas, conhecer o quarto, espaço reservado para os momentos de descanso e reflexões. O seu foi o de número 31 com mais 17 colegas. A luz tinha de ser apagada às 22 horas. Mas isso nunca foi empecilho para as brincadeiras, risadinhas e até degustação de jacas apanhadas do pomar da escola e que eram escondidas debaixo das camas até amadurecerem. O difícil era despistar o cheiro delicioso da fruta que se espalhava por todo o prédio, chegando até às narinas da deã.

Em Governador Valadares, Pr. Josias Antunes, que tinha uma coluna no Jornal Batista, escreveu o artigo intitulado "Filha de Governador no IBER". O duplo sentido atraiu a atenção dos leitores que logo descobriam que se tratava de uma jovem da cidade de Governador Valadares e não da filha de um governador. As Iberistas de posse do jornal iniciaram uma brincadeira sobre o artigo, colocando cartazes pelos corredores, anunciando que tinham como colega uma filha de governador. Elvira entrou na festa sem saber que se tratava dela, pois não tinha lido a matéria do jornal.

Foi um tempo de grande aprendizado, tendo como diretora da instituição a missionária norte-americana Dra. Dori-

ne Cobb Hawkins - Miss Dorine, como carinhosamente era chamada. Excelentes professores, momentos únicos no jardim de oração. O IBER foi para Elvira lugar de crescimento emocional, social e espiritual como preparo para as aventuras do campo missionário. Durante seu curso trabalhou nas Igrejas batistas de Pendotiba e Meier.

Acrescentando a tudo isso, estiveram os estágios supervisionados nas igrejas e instituições sociais, como a Casa da Amizade, que lhes acrescentaram experiências na oportunidade de conviver com o ser humano em suas necessidades nas várias áreas da vida.



Elvira na sua formatura no IBER

A Espera da Companheira

Geraldo começou a vivenciar pessoalmente o texto bíblico de Lucas 14.33. Por amor a Jesus Cristo e ao seu chamado para a obra missionária ele já havia renunciado sua carreira profissional. Mas sentia que era preciso renunciar ao amor que achava ser o amor de sua vida. Apesar de não querer acreditar, ele sabia que o principal faltava no seu namoro: o desejo de sua namorada em se tornar esposa de um missionário. Assim ambos resolveram terminar um relacionamento que parecia ter tudo para dar certo.

Após esse episódio, Geraldo investiu três anos em oração, pedindo a Deus que escolhesse aquela que deveria compartilhar com ele, seu amor e seu trabalho missionário. De sua parte não tentaria fazer nenhuma escolha, pois poderia ser equivocada. Durante esse período seus colegas de curso tiveram um motivo a mais para as brincadeiras de jovens:

— Você vai ficar solteirão! — Diziam uns.

— É, vai ficar solteirão como o professor Reinaldo Purim! — Completavam os outros.

Por esse tempo seu irmão e também pastor, Hélio Rangel, havia se casado com a Iberista Marília Machado. Sabiamente aconselhou ao irmão mais novo:

— Se você não encontrar no IBER uma jovem vocacionada para missões, nas igrejas será muito mais difícil!

Seus olhos foram abertos pelo irmão mais velho. Ele já estava no terceiro ano de seu curso. Seus colegas, no maior empenho, iniciaram a busca por alguém especial para ele.

A Espera do Companheiro

Quando chegou ao IBER em 1971, Elvira já tinha uma chamada específica para o campo mundial e pioneiro. Para isso tinha deixado todos os seus projetos e começado outros que estavam de acordo com a vontade de Deus para seu futuro. Sabia que em um campo missionário a capacitação na área da educação é fundamental. No curso médio tinha se formado em Magistério. Estava apta a educar crianças no conhecimento da educação geral. Agora buscava o conhecimento para a educação religiosa batista.

Até aquele momento em sua vida a preocupação amorosa ainda não fazia parte de seus pensamentos. Sabia, no entanto, que como vocacionada para missões, não deveria se casar com alguém que não tivesse a mesma chamada.

Naquele ano, uma missionária solteira se hospedou no IBER, enquanto fazia promoção missionária. Foi sua chance de conhecer suas experiências no que se referia a viver sozinha em um país distante do seu. Assim se ofereceu para, nos seus dias de descanso, mostrar-lhe a cidade do Rio de Janeiro.

A conversa com a missionária não foi nada animadora! Suas experiências, estando sozinha em um campo distante contemplavam em muitos momentos, solidão e tristeza. Reconheceu que o casal missionário longe de sua terra desfruta da companhia mútua, um alegrando o outro.

Elvira ficou apavorada com a situação. Não queria mais ir sozinha para o campo. Não queria se casar com um pastor de igreja. Não conhecia entre seus colegas de Teologia ninguém

com vocação missionária. O recurso era ir atrás de Deus em busca de uma solução.

Existiam no IBER duas salas importantíssimas, além das salas de aulas. Uma era a sala de jogos, onde nas noites de sextas-feiras, as alunas recebiam visitas para festas e jogos. A outra era a sala de oração, onde buscavam a orientação de Deus para todas as suas angústias, conflitos e crises existenciais.

Numa das noites do mês de maio de 1971, Elvira mais uma vez entrou na sala de oração. Desta vez para colocar diante de Deus as inquietações do coração. Com sua liberdade de dizer para Deus o que estava sentindo, foi direta em sua sinceridade:

— Senhor Deus, sou chamada para o campo de missões, mas eu não quero ir sozinha! Também não quero ir em companhia de outra missionária! Quero ir casada! Mas Deus eu não conheço nenhum rapaz que tenha o mesmo chamado!

Nesse momento tomou fôlego, porque o que pediria a Deus nos momentos restantes de sua prece, não sabia ao certo se era correto ou não. Mas como Deus conhece nossos pedidos antes mesmo que o façamos, teve coragem para continuar:

— Senhor mostre-me um jovem que tenha chamado missionário, que queira ir para um campo pioneiro de missões estrangeiras. Tem mais Senhor, ele precisa ser inteligente, bonito e gentil, — Ela foi falando tudo que queria em seu futuro marido.

Assustada com o que disse a Deus quis consertar algumas palavras, mas já as tinha dito. Então completou sua oração:

— Senhor tem que ser assim, porque irei passar toda a minha vida com ele.

A paz reinou em seu coração. Ela soube que Deus havia ouvido sua oração. Que atenderia seu desejo, porque estava de acordo com o chamado dEle para sua vida.

Elvira saiu correndo da sala de oração. Beirava ás 22horas, hora em que eram apagadas as lâmpadas dos dormitórios. Ao entrar ofegante em seu quarto, as colegas quiseram saber onde havia estado.

— Estava na sala de oração, pedindo a Deus um namorado!

O silencio foi total. Espantada com a reação das colegas Elvira completou:

— Mas eu pedi um que seja vocacionado para missões estrangeiras, porque não quero me casar com um pastor de igreja.

Nesse ponto da conversa, as gargalhadas quebraram o silêncio.

— Você está pedindo demais amiga! Peça a Ele apenas um que seja pastor ou mesmo um jovem temente a Deus.

Mas o pedido já havia sido feito. O que restava era esperar.

Por essa época, Elvira foi escalada, juntamente com sua colega Marli Cesário, para trabalhar em uma igreja em Niterói. O transporte usado seria as barcas para a travessia da Bahia de Guanabara e um ônibus com ponto na Praça 15, centro do Rio. Outras iberistas e seminaristas também faziam o mesmo trajeto para suas igrejas em Niterói, e o conselho era que, na medida do possível, o grupo estivesse junto por medida de segurança.

Geraldo Rangel era um dos seminaristas que também trabalhavam em Niterói e jogava ping pong nas noites de visitas na sala de jogos do IBER. Como bom jogador que era, a fila de moças para jogar com ele era grande. Na opinião das colegas, ele seria ótima companhia para Elvira e Marly na vinda de Niterói, pois era confiável, simpático e amigo. Combinaram então que seriam apresentados naquela sexta-feira na sala de jogos.

No dia marcado, as duas, Elvira e Marli, foram até para conhecer o tal seminarista simpático e amigo, ou seja, Geraldo Rangel. A fila estava grande e ele jogando como "um profissional". As duas jovens foram devidamente apresentadas e a solicitação de sua companhia feita. Jogando Geraldo estava, e jogando falou:

— Eu venho no horário das 21 horas. Se vocês estiveram lá, voltamos juntos.

Elvira saiu indignada!

— Olha Marli, eu não vou voltar com ele, pois é muito antipático!

Ao que a amiga respondeu:

— Eu o achei simpático. Vamos voltar com ele!

Assim, de vez em quando se encontravam na barca ou no ônibus e viajavam juntos de volta para os internatos no bairro Tijuca.

A Descoberta

Era última sexta-feira de junho de 1971. As iberistas estavam com as malas prontas para a viagem de férias após o semestre. Uma amiga chegou para Elvira convidando-a a ir com ela à sala de jogos, pois havia marcado um encontro para conhecer um seminarista e não queria ir sozinha. Ele era do grupo que trabalhava em Niterói. Seu nome Geraldo Rangel.

Tudo bem para Elvira. Ela o conhecia. Era só fazer as apresentações e deixar a amiga conversando. Isso era fácil.

As duas desceram para a sala de jogos. As apresentações foram feitas e a conversa iniciada. Elvira foi envolvida de tal modo pela conversa que ela ali permaneceu e nem viu o tempo passar.

Terminado o período da visita as moças subiram ao dormitório. Dirigindo-se à Elvira a amiga lhe disse:

— Elvira, acho que ele queria era conversar com você.

— Imagina! — Disse Elvira.

E para completar o argumento, acrescentou:

— Na volta das férias, você volta a conversar com ele. Eu já fiz as apresentações!

Naquela mesma noite Geraldo subiu a ladeira de volta ao Seminário acompanhado de um dos seus colegas, pensava no encontro. Algo extraordinário havia acontecido. Seus olhos

prestaram mais atenção em Elvira do que na pretendente indicada pelos colegas.

— E aí como foi o encontro? — perguntou o amigo.

— Gostei mais da conversa da Elvira! — Disse Geraldo com ar de sonhador.

— Então "namora com ela"! — respondeu.

Não havia como negar. Aquela conversa tinha mexido com as emoções de Elvira. Ao chegar em casa nas férias a moça compartilhou com a mãe:

— Mãe, conversei com um seminarista e gostei da conversa.

— Então "namora com ele, menina"! - As duas riram da situação.

O Encontro

Fim de férias! Início de um novo semestre. Novos desafios. Novas idas e vindas nas barcas em travessia da Bahia de Guanabara. E numa dessas, as iberistas com alegria comiam jujubas, cada uma com seu pacote. No meio da farra chegou Geraldo! Todas ao mesmo tempo oferecem-lhe a guloseima. Com toda gentileza ele respondeu:

— Obrigado meninas, mas eu aceito da Elvira.

O coração parecia explodir. A jujuba parecia mais doce, pois seus olhos estavam fixos naquele fluminense.

Geraldo sumiu por uns tempos depois das jujubas. Não apareceu na sala de jogos do IBER, não foi encontrado nas barcas na Bahia de Guanabara. Para Elvira tudo tinha voltado ao começo, ou seja, não existia nada entre eles.

Passou o mês de setembro. Chegaram as Conferências Teológicas que aconteciam no Seminário em outubro. Lá estava ele! No segundo dia saiu do seu lugar e foi cumprimentar Elvira. Toda extrovertida a moça perguntou:

— O que aconteceu? Você sumiu!

Ao que Geraldo respondeu:

— Fui a Ipatinga visitar minha irmã.

— Por que você não foi à minha casa, eu moro lá perto, em Governador Valadares.

— Não fui porque você não estava lá.

A resposta de Geraldo fez as esperanças de Elvira renovarem. Fê-la sentir que era o amor da vida dele e ele o amor de sua vida.

Dias depois ele a convidou para conhecer a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. E diante das lindas colunas daquele templo, no dia 20 de outubro de 1971 iniciaram o namoro.

Geraldo estava no terceiro ano de Teologia. Elvira no Primeiro de Educação Religiosa. Ela estava apaixonada! Não sabia o que fazer. Na sua luta interior lembrava-se de sua oração. Aquela em que pediu a Deus um namorado, citando para Ele suas preferências. Olhava para Geraldo e ele parecia ter cara de pastor. Inteligente, estudioso não haveria de querer ir para o campo missionário! Ela estava aflita, mas temia até iniciar uma conversa sobre vocação missionária.

Antes de completar um mês de namoro Geraldo a chamou para conversar. Eles estavam iniciando um namoro que poderia chegar ou não ao casamento. Por isso deveriam compartilhar seus planos para o futuro.

Elvira sentiu ser o final de seu namoro. Em primeiro lugar já estava em desvantagem, pois ele terminaria seu curso dois anos antes dela. Em segundo... E se sua chamada fosse para ser pastor e não missionário, em outro país?

Ela não abriria mão de seus estudos para se casar. Nem tampouco abriria mão da obediência a Deus de cumprir sua missão evangelizadora em outro país.

A pergunta de Geraldo tirou a moça de seus devaneios silenciosos.

— Qual é a sua vocação e o que vai fazer depois do curso?

A resposta veio independente do que poderia acontecer:

— Tenho certeza que Deus me chamou para um campo pioneiro de missões estrangeiras.

Geraldo ficou em silêncio. A moça parecia petrificada enquanto esperava sua reação.

— Elvira. — Disse ele mansamente.

— Tenho orado durante três anos para que Deus me envie uma jovem com ideal missionário para um campo pioneiro. Você é a jovem que pedi a Deus.

Emocionada e em lágrimas ela lhe segredou que ele era o rapaz que ela havia pedido a Deus na sala de oração do IBER. Os dois em lágrimas oraram e entregaram a Ele suas vidas para juntos irem aonde quer que Ele os enviassem.

No final de 1972, Geraldo Rangel terminou seu curso e foi ordenado ao ministério, a pedido da Igreja Batista Central de Barra Mansa, assumindo o pastorado da mesma. Assim enquanto ganhava um pouco de experiência pastoral antes de ir para o campo missionário esperava Elvira terminar o curso de Educação Religiosa no IBER, numa consciência apurada da chamada ministerial de sua querida noiva.

Pr. Geraldo e Elvira estavam noivos e preparando a documentação para o processo de nomeação da Junta de Missões Estrangeiras. Era um sonho para Sr. Camilo, pai de Elvira, ver o casamento de sua filha primogênita com um pastor. Também era resposta das orações da Sra. Elvira Brum desde quando dedicou a Deus a menina, ainda no ventre de sua filha Terezinha.

No meio das alegrias vividas, em torno dos dois jovens, a tristeza caiu como uma chuva torrencial e inesperada. Era julho de 1974. O diagnóstico foi dado! Frio! Mortal! Sr. Camilo estava com câncer. Passou por vários procedimentos médicos e cirurgias. Nenhuma melhora! Nenhuma esperança!

Faltavam apenas três meses para a formatura de Elvira, casamento e consequentemente a viagem de mudança para o campo missionário em outro país. Ela não sabia o que fazer. Mas a resposta veio de seu próprio pai que um dia lhe chamou com a seguinte observação:

— Minha filha, meu desejo é que tudo seja feito conforme planejado. Você e Geraldo devem se casar na data marcada.

Uma semana depois Sr. Camilo, após "combater o bom combate da vida cristã e de ter guardado a fé" foi encontrar-se com Cristo nas moradas em que Ele mesmo preparou para todo aquele que nEle crê.

Em 29 de novembro de 1974, com alegria Elvira participou da cerimônia de sua formatura. No dia 12 do mês seguinte

em uma agradável reunião da Junta de Missões Estrangeiras aconteceu a nomeação dos dois, ainda noivos, ao campo missionário. O desejo deles era um campo pioneiro dos batistas brasileiros. Nesta ocasião outros obreiros também foram nomeados, bem como se votou o retorno da missionária Valnice Milhomens a Moçambique. Entre os nomeados estavam Pr. Francelino e sua esposa Lourdes de Oliveira para o Paraguai e Pr. Arildo e sua esposa Alice Mota para Portugal.

Fazia tempo que o Uruguai estava presente nas orações da Junta de Missões Estrangeiras como campo a ser alcançado. O secretário Geral da Junta, Pr. Alcides Telles de Almeida, já havia feito contato com os líderes do trabalho batista uruguaio e a receptividade tinha sido das melhores, não somente da liderança uruguaia como também dos missionários batistas da Junta de Richmond que atuavam no país. Desta forma, ficou acertado entre ambas as partes a ida de Pr. Geraldo e Elvira para o Uruguai.

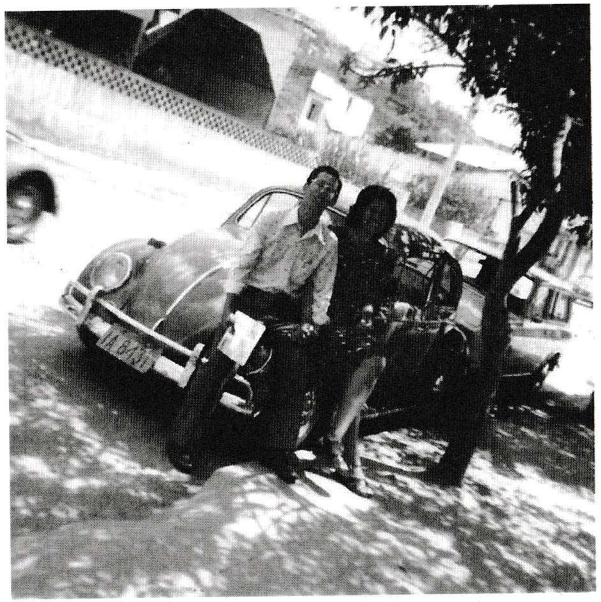
No dia 14 de dezembro de 1974, os dois se casaram com cerimônia realizada pelo Pr. William de Souza na Primeira Igreja Batista de Governador Valadares.

Mas em relação à ida para um campo fora do Brasil, Elvira continuava sem saber direito o que fazer. Como filha mais velha sentia-se na responsabilidade de cuidar da mãe e dos irmãos mais novos. Como poderia mudar-se para outro país?

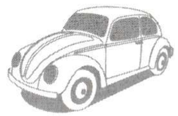
Será que não poderiam obedecer a Deus em um lugar mais perto, no Brasil mesmo!

Agora foi a vez da mãe, aconselhar e acalmar seu coração:

— Você e seu marido vão para o campo designado por Deus. Da mesma forma que Ele está lá, está aqui, cuidando de todos. Esse era o desejo de seu pai e é o meu também.



Saída dos missionários Geraldo e Elvira de Volta Redonda R J, para Montevidéu - Uruguai



O Campo Missionário

BRASIL - URUGUAI EM UM FUSCA AZUL

Fevereiro de 1975, Geraldo e Elvira estão na estrada a caminho do Uruguai. Saíram da cidade de Volta Redonda - Estado do Rio de Janeiro, da casa do Dr. Adilson Rangel. A despedida foi marcada com aqueles sentimentos misturados de alegria, tristeza, expectativa, sentido de aventura, emoção e muita confiança em Deus para o atendimento ao "Indo de Jesus". Ao chegar a São Paulo se hospedaram na casa de outro dos irmãos de Geraldo, Pr. Hélio Rangel e sua esposa Marilia.

O transporte usado na viagem, um fusca azul 1968, placa IA 8431. O mesmo fora adquirido, já usado em 1973 em uma

agência na cidade de Barra Mansa, no Rio de Janeiro. Seu preço, oito mil e quinhentos cruzeiros com pagamento em suaves prestações. Era o fusca o tesouro do casal.

Em Campinas fizeram promoção missionária e prosseguiram viagem, passando pelo Estado do Paraná, pernoitando em Santa Catarina. Após a oração da manhã Pr. Geraldo compartilhou algo precioso à sua esposa:

— Elvira, apesar de estarmos em viagem, de não conhecermos ninguém, Deus me falou nesta manhã que devo pregar em uma igreja.

— E quando será isso? — Perguntou Elvira interessada.

— Nesta quarta-feira, no culto de oração. — respondeu Geraldo, pensativo.

Elvira estava maravilhada com o que Deus lhes falava ao longo da viagem. E querendo saber um pouco mais sobre a revelação dEle a Geraldo em sua oração, não pôde deixar de perguntar:

— E o que foi que você respondeu a Deus?

Geraldo, por um momento, olha-a nos olhos. Com toda convicção responde:

— Eu disse a Deus...

Ele faz uma pausa que para Elvira parece uma eternidade.

— Você disse a Deus... — Elvira tenta ajudá-lo na resposta.

— Disse que vou dirigindo durante todo o dia e quando a noite chegar hei de parar. Então Ele há de nos mostrar a igreja — Completou Geraldo, ainda pensativo.

Assim seguiram rumo ao Rio Grande do Sul.

Chegado o fim da tarde Deus os guiou até a Igreja Batista de Guaíba, região metropolitana de Porto Alegre. Pastor Daniel Cunha os recebeu como quem recebe a anjos. Há muito tempo a Igreja esperava a visita de um missionário. Nesse momento de pura alegria a comunhão reinou soberana entre todos. Um delicioso jantar foi preparado pela família pastoral e oferecido ao jovem casal. O culto celebrado a Deus naquela noite foi acrescido pelo relato da experiência de chamada de Elvira e da pregação de Pr. Geraldo. O Espírito de Deus teve liberdade de ação nos corações dos que a Ele adoravam, produzindo frutos de arrependimento – um jovem aceitou a Cristo como seu Salvador. Também produziu frutos de chamada - cinco outros atenderam ao apelo para a obra missionária. A Deus foi dada toda a gloria e honra.

Depois da agradável estadia em Guaíba os jovens missionários entraram em seu fusca e caíram novamente na estrada, rumo ao Uruguai, seu novo país, sua nova casa, seu novo povo.

No dia 27 de fevereiro de 1975 cruzaram a fronteira Brasil/Uruguai. Estavam em Chuí no extremo sul do Brasil a 329 km de Montevidéu, para onde iam. Seus corações pareciam não caber no peito, tão cheios estavam de emoção.

Eram os primeiros missionários batistas brasileiros em solo uruguaio. Pisavam a fronteira. Mas a linha entre os dois países não representava para eles a divisão entre dois povos, mas sim, a união de brasileiros e uruguaios num mesmo reino, o Reino de Deus! Os dois se curvaram em oração e suplicaram a Deus direção para a nova etapa de suas vidas e de serviço ao Senhor.

Da Fronteira viajaram até Punta Del Este onde pernoitaram. O valor da hospedagem deu-lhes um susto! O dinheiro reservado para a viagem estava pouco.

Na manhã seguinte novamente pegaram a estrada rumo a Montevidéu onde situava-se a sede da Convenção Batista Uruguaia, da qual receberiam orientações para o trabalho missionário.

Em Montevidéu os jovens se hospedaram no hotel Los Angeles. Pr. Geraldo procurou em vão contato com os líderes da Convenção Batista Uruguaia. Não tiveram recepção de boas vindas, ninguém os estava esperando. A saudade, essa coisa inexplicável que faz doer a alma e molhar os olhos, se misturava à alegria da obediência. Estavam firmados e seguros no poder do Deus que chama, prepara e envia ao campo de Seu agrado. Mas mesmo assim Elvira estava abatida. Ela não via ninguém conhecido. Não gostava da comida nem do clima. Além disso, existia uma preocupação: o dinheiro era pouco para as despesas com o hotel. Então Elvira chorou.

Mas algo acontece! Deus estava presente! No meio da desolação, saudade e lágrimas o soar da campainha do telefone a tudo muda. Era o missionário James Bartley. Pr. Geraldo atende. Enquanto marcavam um encontro Elvira envergonhada enxugava as lágrimas e pedia a Deus perdão por estar tão descrente e esquecida de Sua promessa: "Eis que estou convosco todos os dias..." Sua esperança se renova. Agora a alegria da obediência reina absoluta em seu coração.

MINISTÉRIO I - PRIMEIRO CAMPO, PRIMEIROS FRUTOS, PRIMEIRO FILHO

28 de fevereiro de 1975! O jovem casal foi recebido na sede da Junta de Evangelismo da Convenção Batista Uruguaia. Ali estavam Pr. James Bartley, presidente da comissão de evangelismo; Juan Figoni, presidente da Convenção Batista do Uruguai e os componentes da comissão de recepção.

Após a reunião, Pr. Geraldo e Elvira saíram em visita a alguns possíveis campos de trabalho. Passaram pelas cidades de Aiguá, Treinta y Tres e chegaram a Melo, capital do Departamento de Cerro Largo. Esta fica a 400 km de Montevidéu e a 90 km de Jaguarão, uma das fronteiras do Uruguai com o Brasil.

Em 25 de abril daquele mesmo ano Pr. Geraldo e Elvira foram apresentados aos batistas uruguaios na Primeira Igreja Batista em Montevidéu, por ocasião da Assembleia Anual da Convenção, juntamente com mais duas missionárias brasileiras para atuarem em outras regiões do Uruguai: Noêmia Tavares dos santos e Marinete Vanderlei de Lima. Esta para atuar na capital do País.

Orientados por Deus, sentiram que Melo era o lugar para iniciar suas atividades de pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Seria o inicio da aprendizagem do idioma e adaptação à cultura do país.

Em Melo já havia uma pequena congregação em funcionamento, pertencente à Igreja Batista de Cerrito, Montevidéu, muito embora muitos moradores da cidade não se interessas-

sem por religião, não acreditassem em Deus e fossem materialistas.

Foi um tempo muito difícil para o casal com a presença da tristeza e desânimo! Durante cinco meses de evangelismo de casa em casa e convite aos cultos que eram realizados na residência missionária, nenhum visitante, nenhuma conversão. A semente lançada parecia não crescer, florescer e muito menos frutificar.

Mas o tempo de Deus não é o tempo dos homens. E eis que ao alugarem um salão específico para os cultos os primeiros visitantes chegaram. Ouviram a Palavra de Deus e diante do agir do Espírito Santo entenderam a proposta dEle para a salvação. Foram os primeiros convertidos em Melo pelo trabalho dos missionários batistas brasileiros. Entre eles estava o Sr. Henrique Garcia da Silva.

02 de abril de 1975! Mais um dia memorável! Pr. Geraldo e Elvira iniciaram mais um trabalho com crianças na casa de algumas pessoas que nunca haviam visitado a congregação. Enquanto Pr. Geraldo conversava com o dono da casa, um policial da cidade, Elvira contava histórias bíblicas a 15 crianças.

A alegria se renovava a cada dia com as pessoas, compreendendo a mensagem do evangelho! Em 25 de dezembro daquele mesmo ano oito pessoas foram batizadas. Era a recompensa da ação evangelizadora de um povo. Dos que estavam no campo, pregando e dos que estavam no Brasil, orando e ofertando. Assim é a obra de evangelização, precisa da participação de todos.

Nesse período o casal esperava seu primeiro filho. O nome escolhido, Daniel. O tempo era de intensa alegria e gratidão. Os familiares brasileiros vibravam com a novidade. Os irmãos uruguaios também. Estes ainda mais, quando receberam a notícia de que o nascimento do bebê se daria no Uruguai, pois isso era a confirmação de que realmente eram amados pelo casal de missionários.

No mês fevereiro de 1976 Pr. Geraldo foi convocado pela Junta de Missões a que fizesse promoção missionária no Brasil. Elvira estava no sexto mês de gravidez. A notícia da viagem foi recebida sem maiores preocupações, pois tudo estava bem com ela e com o bebê e o nascimento levaria ainda três meses.

Para não ficar completamente só, na ausência de Pr. Geraldo, Elvira convidou a jovem Giselda, membro da congregação para dormir em sua casa durante aquele período.

Seis de março de 1976, Elvira estava no início do sétimo mês de gravidez. A noite estava quente e abafada. Ela começou a preparar o jantar em seu fogareiro "PRIMUS" de uma só boca, ou trempe. Ele funcionava à base de álcool e querosene.

De repente algo estranho aconteceu! Atraídas pelo cheiro de fumaça correram em direção à cozinha. O fogo já começava a se alastrar. Era um princípio de incêndio. Com trabalho conjunto as duas conseguiram controlar as chamas.

As perdas foram pequenas, mas o susto que Elvira passou foi enorme. Depois do incidente, e de limparem tudo as duas jovens se sentaram para tomar sorvete. De repente algo parecia não estar bem. Elvira sentiu o líquido amniótico escorrer por suas pernas.

O médico foi chamado às pressas! Após o exame ele disse com firmeza:

— Seu bebê vai nascer!

— Mas doutor! — Exclamou Elvira surpresa! — Ainda não está no tempo! Meu marido está no Brasil!

Mas o médico pareceu não ouvir suas explicações. Simplesmente arrumou seus instrumentos de trabalho e antes de sair lhe disse:

— Te espero no hospital. Estou indo para lá.

Um milhão de pensamentos circularam pela mente da jovem missionária. Por um tempo não soube o que fazer o que pensar. Ligou para Delia Lopes, uma irmã da congregação. Juntas seguiram rumo ao hospital. Elvira sabia que seu bebê corria risco. Precisaria de uma incubadora... Talvez tivesse poucas chances de sobrevivência.

A noite parecia se esticar, lenta e dolorosa. Mas, cumpriram-se as palavras Bíblicas de que "o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem ao amanhecer". Na manhã seguinte,

depois de um parto normal, ela já estava com seu pequenino bebê nas mãos. Ele só pesava um quilo e setecentos gramas.

Após examiná-lo o pediatra viu que, mesmo sendo muito prematuro, tinha calor próprio. Não precisaria ser colocado na incubadora. Então ele foi colocado em uma pequena caixa rodeada de bolsas com água quente, indo para o quarto com sua mãe.

Tudo estava bem! Deus havia agido misericordiosamente. Elvira ainda estava assustada. Olhava o filho tão pequenino, tão frágil! Preocupada com seu futuro, orou a Deus, pedindo que lhe desse vida até que Geraldo chegasse do Brasil.

O tempo passava lento e um pouco sombrio. Um, dois, três dias. Em um determinado momento Elvira ouviu um burburinho de choro vindo do corredor. Quis saber o que estava acontecendo!

A resposta veio como um punhal:

— Um prematuro foi colocado na incubadora. Ela estava com defeito e o bebê morreu! Era a única incubadora do hospital.

Depois de uma semana de recuperação no hospital, Elvira recebeu alta, levando para casa seu pequenino bebê. Aquele que fora milagrosamente protegido por Deus. Pr. Geraldo ainda estava no Brasil. Mas Deus em sua infinita misericórdia, providenciou alguém para cuidar de Elvira e Daniel. Esta foi

a missionária Noêmia Tavares que como uma mãe amorosa tomou conta de tudo: da casa, do bebê e de sua mãe.

A jovem mãe estava agradecida a Deus e à amiga Noêmia. Mas ainda assim sentia-se meio desamparada, pela ausência de sua mãe e seu marido.

E num daqueles dias em que o choro insiste em nos fazer companhia, alguém bateu à porta. Era o carteiro. Ele todo constrangido pedia mil desculpas por entregar uma carta tão atrasada! A mesma havia ficado esquecida no correio por vinte dias.

De acordo com a sabedoria de Deus aquela carta esteve retida durante aquele tempo porque ela deveria ser entregue no momento certo para Elvira. A carta era de uma irmã do Estado da Bahia no Brasil. Eis algumas de suas palavras:

"Irmãos, eu não sei o que está acontecendo com vocês nesse momento, mas uma coisa eu sei, os irmãos não estão sozinhos, Deus está com vocês! Ele não desampara seus servos, pois sua promessa é: 'Eis que estou convosco todos os dias'. Amém".

Naquele momento só o que Elvira pode fazer foi gritar por Noêmia, que veio correndo. As duas choraram de alegria, pois realmente não estavam sozinhas naquela difícil tarefa de cuidar de um bebê prematuro.

Pr. Geraldo continuava no Brasil. Agora em São Paulo. Já sabia que seu filho nascera antes do tempo. Não conseguiu compartilhar o fato com a igreja em que fazia promoção missionária. Porém, compartilhou com o pastor. Mais que depres-

sa o mesmo telefonou para a Junta de Missões e pediu que ela enviasse o missionário de volta ao Uruguai para perto de sua esposa e filho.

Agradecido, Pr. Geraldo pegou um voo de volta ao Uruguai. Assim, quando o menino Daniel já estava com treze dias de nascido seu pai chegou ao lar.

Mas nem tudo estava resolvido! Alguns dias após o parto, Elvira teve graves complicações em sua saúde, forçando os missionários e o filhinho Daniel a passarem um tempo no Brasil para tratamento.

Restabelecida sua saúde, voltaram ao Uruguai. O trabalho de evangelização continuava. Em carta à sede da Junta de Missões Estrangeiras situada no Brasil, Pr. Geraldo escreve:

"Graças a Deus estamos recebendo vitórias em Jesus Cristo. Os corações indiferentes se quebrantam pelo poder da Palavra de Deus, homens e mulheres viciados abandonam os vício, rostos contraídos pela aflição e amargura do pecado, se tornam alegres e simpáticos, pessoas nervosas que necessitavam de remédio para dormirem, agora por Cristo dormem toda a noite sem nenhum remédio, uma senhora que vivia uma vida impura, depois do encontro com Cristo vive uma vida pura e digna, um preso que planejava suicídio encontrou Cristo e agora planeja servi-lo, ou melhor, já O está servindo, dando testemunho aos demais presos... Graças, muitas graças a Deus por essas maravilhas."

Em suas orações Pr. Geraldo e Elvira cumpriam a ordem de Jesus registrada em Lucas 10.2 e rogavam a Deus que levantasse dentre os convertidos uruguaios "trabalhadores para a Sua seara. Não demorou para que alguns da congregação demonstrassem interesse em se prepararem melhor para o serviço evangelístico. Pr. Geraldo então solicitou à Convenção Batista Uruguaia uma extensão do Instituto Teológico para acidade de Melo.

Quando foi implantado, o curso de extensão atendeu não somente os membros da congregação de Melo, mas também de outras igrejas evangélicas da cidade. Desta forma não somente estavam sendo preparados líderes batistas, mas também de outras denominações, para o Reino que é de Deus.

MINISTÉRIO II - NO CENTRO DO PAÍS, UM TEMPLO FECHADO E UMA SERVA À ESPERA DE UM CASAL DE MISSIONÁRIOS

Dois anos haviam se passado desde que os missionários chegaram a Melo. Ali haviam pronunciado as primeiras palavras na língua do país. Palavras abençoadoras, palavras de salvação. Ali havia nascido Daniel, filho querido e protegido por Deus, desde sua chegada ao mundo. A congregação em Melo estava consolidada e sendo Deus o dono da obra, providencia novo desafio para a família missionária.

Sob a direção da Convenção Batista Uruguaia, parceira da Junta de Missões Estrangeiras do Brasil, Pr. Geraldo foi visitar o novo campo missionário em companhia do casal de missionários da junta Richmond Wally e Beth Poor, que conheciam muito bem o Uruguai. Elvira ficou em Melo, pois esperava o segundo filho.

Depois de passar em Trinidad chegaram a Durazno, capital do Departamento de mesmo nome. Uma linda cidade com um lindo nome, pois a palavra Durazno significa pêssego. Recebera esse nome devido a um solitário pessegueiro antes existente no local de sua construção. O Departamento de Durazno está situado em um local estratégico no centro do país com várias outras cidades ao redor. Todas naquele momento sem a presença batista.

Ao chegar a Durazno Pr. Geraldo encontrou algo surpreendente: Um templo pronto, mas abandonado, onde outrora havia funcionado uma igreja batista sob a orientação da Junta de Richmond que, por falta de preparo de líderes con-

tinuadores da obra, foi fechado após a saída dos missionários dessa Junta. Irmã Isabel guardava a chave daquele edifício... E orava para que Deus enviasse um casal de missionários para revitalizar o trabalho.

Para inspecionar as condições do templo eles foram à sua casa pegar as chaves. A alegria daquela mulher foi imensa. Ao entregar-lhe as chaves já chamou o missionário Pr. Geraldo de "meu pastor".

O desafio estava lançado! E foi aceito pelo jovem missionário batista brasileiro. Antes de voltar à cidade de Melo a missionária Beth escolheu uma linda casa que foi alugada como moradia para a família. Só faltava buscar Elvira, Daniel e o segundo filho que estava para nascer, com quatro meses de gestação.

Elvira não se sentia em condições de arrumar uma mudança, estava com problemas na gravidez. Tampouco eles tinham dinheiro para o carreto da mesma. Mas Deus em sua misericórdia providenciou um casal membro da Congregação de Melo para ajudá-los, Sr. Aníbal e Sra. Nury Pizurrnia, que tinham um filhinho chamado Pablo de dois anos. Eles não só arrumaram toda a mudança como também a transportaram até a cidade de Durazno em seu caminhão. Antes de seguirem viagem ajudaram a colocar todos os pertences da família nos devidos lugares.

Foi uma viagem divertida. O fusca azul na frente e o caminhão com a mudança atrás. O mesmo fusca que os havia transportado desde o Brasil e que ainda carregaria muitas pessoas rumo à igreja para ouvir a mensagem do evangelho de Jesus Cristo. O mesmo que chegaria a transportar treze pessoas de uma só vez. Aquele que ficaria com a família por sete anos, sem dar nenhum problema mecânico nas estradas do Brasil / Uruguai e Uruguai/Brasil.

Chegaram a Durazno no final de março de 1977. O coração de Elvira vibrava por conhecer sua nova cidade, igreja e sua nova casa. Quando pararam em frente à mesma, Elvira nem conseguia expressar a alegria do seu coração. Beth havia escolhido muito bem aquela casa. Ela era linda! Em uma esquina! Com jardim! Janelas grandes! Lareira! Bairro nobre da cidade! Enfim, era a casa dos seus sonhos!

Desde Melo Elvira não se sentia bem. Os sintomas pioraram e logo teve que ser levada ao hospital com urgência. E ali sozinhos, longe dos familiares, recém-chegados na cidade, desconhecidos de quase todos, sofreram a grande perda do seu bebê. Era um menino. Mais uma vez as lágrimas se instalaram em seus olhos até que Deus mandasse o consolo.

Tendo Elvira recuperada sua saúde, era hora de conhecer o local, o templo da nova igreja, a igreja restabelecida. Pr. Geraldo estacionou o fusca em frente ao edifício. Foi difícil para Elvira em sua fragilidade emocional pela recente perda encarar

aquela cena. Só se via o matagal e no meio dele um templo sujo e abandonado. Ao abrir a porta frontal pôde presenciar uma cena não menos desalentadora: no chão uma sujeira horrível. Nas paredes, flores artificiais e quadros velhos.

Com decepção e surpresa olhou para Geraldo perguntando:

— E agora?

Calmamente Pr. Geraldo respondeu:

— Vamos realizar aqui no nome de Jesus uma grande obra.

— Amém! — Elvira respondeu de forma quase silenciosa.

Pr. Geraldo já estava com tudo planejado:

— Vamos capinar o terreno, limpar o local, pintar o templo e depois de tudo pronto convidar o povo para a inauguração.

— Mas quem vai te ajudar? Não temos dinheiro nem pessoas para fazer isso? — Argumentou Elvira.

— Nós vamos fazer! — Respondeu ele, animado!

— Eu, você e o Daniel.

E foi assim mesmo que aconteceu. Compraram o material necessário e iniciaram a obra.

A movimentação despertou a curiosidade dos moradores que perguntavam o que estava acontecendo. A resposta era dada com o convite para a inauguração da igreja.

Abril 1977. Finalmente chegou o dia a inauguração do templo. Uma série de pregações da palavra de Deus havia sido preparada. O casal de missionários estava emocionado. Elvira... Chorava um choro de alegria. O templo estava limpo e lindo por dentro e por fora. Os três aguardavam a chegada dos convidados.

Mas eis que cai sobre a cidade um temporal. O tempo passava e chuva continuava. As ruas alagadas impediam qualquer transitar. Depois de um período de chuva, aproveitando uma estiagem, quando a família missionária já se preparava para ir embora, eis que aparecem algumas pessoas: Dona Clotilde, sua filha Blanca e alguns netos. Elas entraram dizendo:

— Somos vizinhos! Não podíamos deixar vocês sozinhos no dia da inauguração da Igreja do Bairro.

E assim com a família Suares, no dia 13 de abril 1977, foram reiniciados os trabalhos da Iglesia Bautista Buenas Nuevas, na Cidade de Durazno.

Na primeira ordenança do batismo realizada em Durazno, Clotilde e Blanca fizeram parte do grupo, acrescentado de Judith, Núbia, Mary e Luiz Heber. Eram os primeiros frutos do trabalho.

Era véspera de natal. O primeiro passado em Durazno. Apesar de toda alegria que a época de natal suscita e da alegria particular que sentem os filhos de Deus, pela organização das

festividades nas igrejas e principalmente pelo motivo das comemorações, Pr. Geraldo e Elvira estavam apreensivos.

Eles eram agradecidos aos batistas brasileiros por sua fidelidade nas orações e ofertas, base do sustento dos missionários. Nunca lhes faltara nada no campo. Todos os meses o cheque do pagamento chegava pelo correio em Durazno. De posse dele Pr. Geraldo viajava até Montevidéu para resgatar o dinheiro em um banco. Naquele mês, por algum motivo, o pagamento não havia chegado ao correio.

Os dias se passavam os mantimentos acabando! Em 24 de dezembro restava pouco na despensa missionária: um punhado de arroz, alguns tomates e um pedaço de carne, provisão que dava para uma refeição: a ceia da noite de Natal! Depois viria o feriado... Correio fechado... Sem o cheque...

Os familiares distantes não podiam socorrê-los. Comprar no crédito impossível, pois eram pouco conhecidos na cidade. Estavam inteiramente na dependência de Deus. E ali ficaram, pois a dependência em Deus é o lugar mais seguro para se estar.

Durante o dia visitaram cada família da igreja para as felicitações. Em cada casa sentiram o cheiro bom da comida em preparo para a ceia natalina.

Mas o cheiro bom de comida também esteve em sua casa! Quando chegaram, Pr. Geraldo, no escritório dava os últimos retoques na mensagem que pregaria na igreja. Elvira, na cozinha preparava o jantar. Estava feliz, pois se lembrava de coisas boas. Pensava no presépio vivo que haviam preparado para o

culto de Natal, até uma ovelhinha haviam conseguido. Pensava em sua mãe, que certamente estaria preparando a ceia para a família no Brasil.

Envolvida em seus pensamentos cozinhou o arroz, fez a salada de tomate, passou os bifes. O cheiro rescendeu em sua casa, cobrindo o cheiro vindo das casas vizinhas. Nesse momento alguém bate à porta! Era uma família trazendo uma torta salgada de "pascualina", comida típica do Uruguai. Mais tarde outra família chegou com um panetone, e outra com carne bovina assada e assim a mesa pouco a pouco foi tomada de pratos tradicionais e deliciosos daquele povo amável. Por fim chegou a Coca Cola trazida por Dom Gallinal com seus 80 anos. A ele os missionários contaram o que estavam passando naquele momento. Mais uma vez a fidelidade de Deus foi experimentada pela família missionária. Não faltou nem a Coca Cola!

Passado algum tempo uma triste noticia chegou à casa dos missionários. Aurizé, uma das irmãs de Elvira, fora diagnosticada com câncer. Estava com 33 anos de idade e uma filhinha com 4 anos. Na ausência do pai e de Elvira, a mais velha, era Aurizé que estava no lugar de líder da casa. Era o porto seguro da família nos momentos difíceis, era a alegria de todos.

Para submeter-se ao tratamento saiu de Governador Valadares indo para Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais. Mas o pior estava por vir. Um dia após tê-la visitado no

hospital, D. Terezinha foi acometida de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), falecendo subitamente aos 56 anos de idade.

Estava fria aquela madrugada do mês de setembro em Durazno. O telefone tocou! O tocar da campainha de um telefone na madrugada não é uma coisa boa de ouvir. A notícia foi dada:

—ela não suportou ver o sofrimento de Aurize.

Que momento triste! Dor, perguntas sem respostas, incerteza do que fazer. Como chegar a tempo em Governador Valadares para o funeral?

Viajaram imediatamente para Montevidéu. O frio era intenso com neblina cobrindo a visão. As lágrimas também.

O Aeroporto está fechado! Foi a notícia recebida. Ainda assim Pr. Geraldo passou de guichê em guichê em busca de um voo para o Brasil. Repetidas vezes contou em cada um deles sua história. Apesar dos esforços dos funcionários do Aeroporto em conseguir ajuda todas as respostas eram negativas.

Pr. Geraldo sente vontade de orar mais uma vez. Então levantando os braços inicia sua súplica a Deus, pedindo-lhe um voo para o Brasil! No momento seguinte uma funcionária toca-lhe no ombro e diz:

— Compre uma passagem! Mas só sua esposa pode ir. Um avião em breve aterrissará, mas com apenas uma vaga.

O avião aterrissou. Elvira mesmo com o coração partido pela dor pôde agradecer a Deus sua providência. Ela não sabia o que tinha acontecido. Os passageiros também não. Eles apenas sabiam que as condições do tempo não permitia a aterrissagem naquele aeroporto. Um deles perguntou à aeromoça:

— Por que esse avião parou aqui?

Sua resposta não foi esclarecedora. Foi apenas evasiva:

— Meu comandante não tem medo! Por isso ele parou aqui!

Na verdade aquela aeronave estava em rota do Chile para a Holanda com escala no Rio de Janeiro - Brasil. Ao saber da notícia de que havia uma passageira em Montevidéu com extrema necessidade de viajar para o Rio, tendo uma vaga em seu voo, o comandante teve a coragem de aterrissar com neblina no aeroporto de Montevidéu. Ele foi o instrumento de Deus, para naquele momento transportar uma missionária a fim de que pudesse dar à sua mãe o último adeus, bem como abraçar seus irmãos e chorar com eles.

Alguns meses depois, Aurizé não suportando o tratamento faleceu, indo encontrar-se com Deus. De novo receberam dEle o consolo.

O trabalho de revitalização da Igreja em Durazno foi difícil e demorado. Os missionários necessitaram da orientação de Deus para encontrarem estratégias que pudessem atrair e conquistar a confiança do povo. Assim nasceu o ministério social denominado "Multiministério". Ele foi implantando pela igreja de forma simples e, cautelosamente, iniciando-se com o serviço de medição de pressão arterial pela irmã Isabel Espíndola, devidamente habilitada para tal. Inicialmente o atendimento

era feito um pouco antes do horário do culto semanal e posteriormente, após o culto. Dessa forma o grupo recebia atendimento espiritual e depois atendimento físico. O primeiro fruto de salvação, advindo desse serviço foi a conversão do casal Arquindegue, que foi discipulado e batizado pelo Pr. Geraldo.

Outra experiência de conversão marcante na vida de Pr. Geraldo foi a da Sra. Cláudia. Aconteceu em um domingo de manhã quando seguia para a igreja, em seu fusca, juntamente com a família. No caminho viu uma mulher debruçada no portão de sua casa. Imediatamente o Espírito Santo de Deus falou ao seu coração: "Vá e fale de Cristo para ela". Terminado de chegar à igreja ele deixou a família, retornou com o carro, indo até àquela senhora que estava chorando a morte de seu marido que havia acontecido recentemente. Pr. Geraldo ali pode compartilhar do amor consolador de Deus e da Salvação de Cristo Jesus. O resultado da obediência ao toque do Espírito Santo, foi a conversão da Sra. Cláudia e a amizade que puderam experimentar durante muito tempo, pois toda semana Elvira, Pr. Geraldo e Cláudia se sentavam juntos para tomarem chimarrão. O Deus de toda consolação mudou a vida daquela mulher.

As atividades do Multiministério continuavam e, diante do bom número de pessoas que procuravam o atendimento, os missionários resolveram ampliar o serviço social, direcionando-o a uma área muito valorizada pelos uruguaios: a cultura. O público alvo indicava crianças, adolescentes e jovens com atendimento em reforço escolar, aulas de música, datilografia,

artesanato e corte e costura. A igreja ficava aberta diariamente para atender as pessoas do bairro e de outros que traziam seus filhos para os cursos.

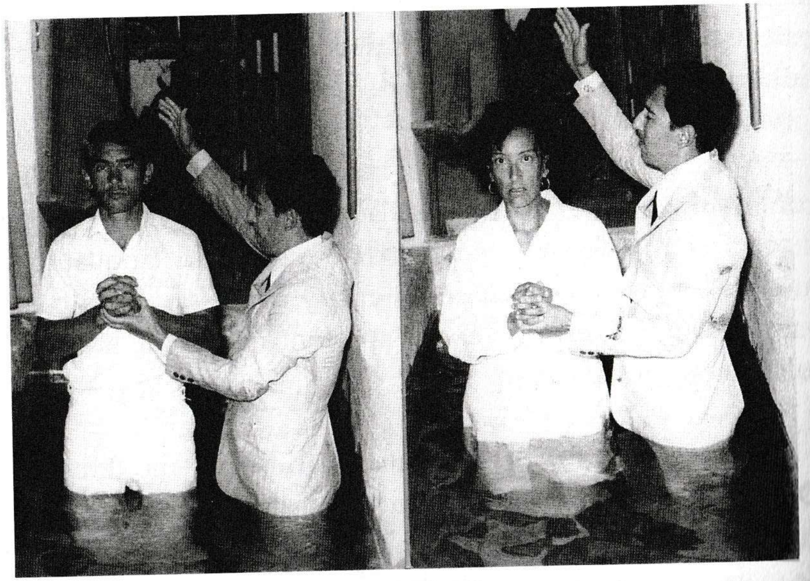
Semanalmente era realizado um culto com os alunos e no final de cada curso um culto de encerramento com a presença também dos familiares. Era uma verdadeira festa para pais e avós. Com esse trabalho muitas pessoas compreenderam a mensagem salvadora do evangelho de Jesus Cristo.

Por aquele tempo a prefeitura de Durazno necessitava abrir uma clínica médica no bairro. A Igreja foi o local estratégico para a clínica, pois com a existência do edifício era só complementar com os profissionais da saúde, e medicamentos. Na parceria a igreja entraria com as dependências físicas e serviço de secretaria.

A inauguração da clínica foi marcada com um culto a Deus com a presença de várias autoridades da cidade. Com o passar do tempo a igreja ficou conhecida e respeitada. Enquanto os médicos cuidavam da saúde do corpo os missionários cuidavam da saúde do espírito com a apresentação da mensagem de salvação em Jesus Cristo.

Nesse tempo Pr. Geraldo atuava também como diretor do Departamento de Evangelismo da Convenção Batista Uruguaia e o trabalho batista uruguaio se expandiu com a abertura de mais três frentes missionárias. Usando como o recurso uma Tenda de Lona, a Igreja de Durazno passou a ser também uma igreja missionária, abrindo frentes em Trinidad, Rocha e San José.

O ministério missionário da família Rangel foi longo na cidade de Durazno. Do casal nasceram ali as filhas de sangue Eliane e Ana Cristina e mais dezenas de filhos de fé. Muitos líderes se formaram dos que antes se diziam ateístas e agora confessavam a Jesus o Filho de Deus. Entre eles quatro pastores, um dos quais permaneceu na igreja de Durazno como substituto do Pr. Geraldo quando este foi transferido para outro campo missionário: o casal Pr. Jorge e Mirta Errecaldi.



Washington e Tereza no dia do batismo e depois como obreiros uruguaios; ela pianista e professora de piano e ele pastor da igreja Batista de Industria em Montevidéu

MINISTÉRIO III - DO CENTRO DO PAÍS A UM BALNEÁRIO DE LUXO

Um dia depois de 16 anos com residência fixa na cidade de Durazno, em oração Pr. Geraldo sentiu que estava no momento certo de alcançar com a pregação do evangelho lugares mais distantes do País. Durante o tempo que estivera pastoreando a igreja, a mesma aprendeu a também ser missionária. E sob a liderança de seu pastor abriu frentes batistas em 4 cidades: Trinidad, capital do Departamento de Flores; Rocha, capital do departamento de Rocha; San José, capital do Departamento de San José e Sarandi del Yi, que fica na fronteira do Departamento de Durazno com o Departamento de Flórida.

Assim com a igreja consolidada, em crescimento e madura no entendimento da obra missionária, aceitaram o desafio de começar tudo de novo em outra cidade.

Desafio não é algo fácil de ser aceito. Eles amavam aquele lugar, aquela casa em que moravam durante tantos anos. A casa dos sonhos de Elvira! Naquela casa Daniel aprendeu a andar. Naquela casa nasceram Eliane e Ana Cristina. Na escola perto daquela casa seus filhos estudaram. Na praia do Rio del Yi, que passava no final da rua onde moravam, desfrutaram de momentos agradabilíssimos de lazer, com banhos no verão e piquenique no inverno. Naquele mesmo rio os que ouviram e aceitaram a mensagem do evangelho foram batizados pelo Pr. Geraldo. Porém o chamamento de Deus era mais forte do que qualquer raiz de apego emocional. A vontade de Deus estava acima de qualquer de suas vontades, desejos e amores.

A orientação da Convenção Batista Uruguaia foi para abertura de uma igreja na parte costeira do País chamada costa de ouro, zona balneária turística. Uma das áreas que mais crescia no Uruguai e sem a presença do trabalho batista. Era um campo dos mais difíceis, com várias cidades espalhadas pela costa cujos moradores de classe média alta, como muitos outros uruguaios, não queriam saber de religião.

Saíram a espiar a terra, uma terra linda de belezas naturais riquíssimas. Depois de visitar várias cidades a escolha caiu em Atlântida, pertencente ao Departamento de Canelones, um dos principais balneários do país, situando-se a 45 quilômetros ao leste de Montevidéu, com lindas praias visitadas por turistas do mundo inteiro.

No dia 3 de março de 1992, a família missionária chegou com a mudança ao balneário de Atlântida, onde nunca havia morado uma família pastoral. O início do trabalho foi muito difícil principalmente para os filhos adolescentes. Eliane e Ana Cristina choravam muito, sentindo falta dos irmãos da Igreja de Durazno. A família não conhecia ninguém. Os cultos prestados a Deus aconteciam na sala da residência missionária. Pr. Geraldo pregava. Daniel tocava seu teclado e todos cantavam entre lágrimas.

Pr. Geraldo colocou placas em todos os balneários da redondeza indicando endereço e horário dos cultos da "Iglesia Evangelica Bautista". Evangelismo de casa em casa era feito e pouco a pouco os frutos vieram. Não sem antes passarem por algumas provas. Um dia Pr. Geraldo saiu juntamente com um representante dos Gideões Internacionais, grupo que tem um

ministério de distribuição de Novos Testamentos em escolas. No dia seguinte a polícia apareceu em sua casa, pois o mesmo havia sido denunciado por uma mãe cujo filho chegara a casa com o que ela chamou de "livro estranho".

Na delegacia Pr. Geraldo deu todas as explicações e o mesmo delegado que recebeu a denuncia, recebeu também um exemplar do Novo Testamento de presente.

À medida que o tempo passava o grupo aumentava. 11, 18, muitas pessoas. Eliane e Ana Cristina já tinham a companhia de outros adolescentes e estavam felizes novamente. Um terreno foi comprado para a construção do templo. Um vizinho ajudou ao Pr. Geraldo colocar uma placa no local dizendo que naquele lugar seria construída uma Igreja Batista. O mesmo perguntou quando seria o início da obra. Na verdade o grupo não tinha dinheiro pra comprar ao menos um tijolo.

Em um tempo em que os cultos já eram realizados na garagem da casa e a sala e os quartos abrigavam as classes da Escola Bíblica Dominical, Deus, em resposta às orações do grupo de irmãos, enviou Sr. Nelson Leus para abençoá-los com recursos financeiros.

Em um domingo depois de participar do culto, Sr. Nelson perguntou ao Pr. Geraldo:

—Você não tem um lugar mais adequado que esta garagem para adorar a Deus?

Diante da resposta de que a missão tinha um terreno para a construção do templo ele prometeu doar os recursos para o arquiteto e a base do templo.

Sua promessa foi cumprida. Um dia Pr. Geraldo recebeu um E-mail de irmãos dos Estados Unidos que queriam ajudar a construir uma capela, mas precisava que a base da construção estivesse pronta.

Era Deus completando a resposta das orações. O grupo era composto de onze irmãos, na sua maioria aposentados que não sabiam nada de construção com o desafio de construir um templo em sete dias.

Sob a orientação de um pedreiro uruguaio a construção da capela foi iniciada. Era mês de novembro e fazia muito calor. O trabalho não rendeu quase nada no primeiro dia.

Pr. Geraldo preocupado com a saúde do grupo naquelas condições climáticas teve a ideia de pedir a Deus que no período da construção permitisse que os dias permanecessem nublados. Logo após ter tido essa ideia, ele começo a pensar se deveria ou não fazer a Deus esse pedido.

Foi então que o Espírito Santo trouxe-lhe à lembrança que Deus é o mesmo, ontem, hoje e para sempre. Lembrou-se do período em que o povo de Israel esteve no deserto árido a caminho da Terra Prometida e que por providência dEle, uma nuvem os cobria do sol durante o dia e lhes dava luz durante a noite. Diante destas e outras lembranças bíblicas, em segredo Pr. Geraldo orou e pediu a Deus sete dias nublados.

A resposta veio! No dia seguinte o tempo estava nublado! No segundo, também. No terceiro, no quarto, no quinto, no sexto. Até o sétimo dia, Deus concedeu clima ameno para que a obra fosse completa. Ele comtemplou a fé do missionário.

As vitórias eram alcançadas dia a dia. Daniel, Eliane e Ana Cristina se transformaram em verdadeiros missionários naquele lugar. O templo foi inaugurado e a igreja recebeu o nome de "Iglesia Evangelica Bautista Betel", significando casa de Deus, lugar de adoração e serviço ao Senhor. De outros balneários vinham famílias para adorarem a Deus em Atlântida. Sr. Nelson Leus, agora irmão Nelson tornara-se um líder valoroso para a igreja.

12 anos são passados. Os filhos que chegaram a Atlântida, adolescentes agora estão na faculdade. Os missionários Elvira e Pr. Geraldo estão felizes em fazer a vontade de Deus. Nesse tempo desde a chegada em Melo, passando por Durazno até ali, Atlântida, tinham sido instrumentos de Deus para abençoar o povo uruguaio. Em os abençoando, muitas vezes foram por eles abençoados. Uma delas aconteceu em um momento de enfermidade de Elvira. Ao sentir-se muito mal em certa ocasião, Pr. Geraldo levou-a Montevidéu. Chegando ao hospital não conheciam nenhum médico, pois faziam tratamento de saúde no interior. Estavam apreensivos e pediram orientação de Deus. Ao entrar no consultório Elvira percebeu que o médico era muito jovem. Contou-lhe o que estava acontecendo e recebeu uma resposta surpreendente:

— Senhora farei tudo para atendê-la muito bem.

Notando que não estava sendo reconhecido revelou:

— Quando adolescente em Durazno fui seu aluno no curso de datilografia em sua igreja.

Ver seu antigo aluno de datilografia agora um adulto e médico, trouxe ao coração de Elvira uma imensa alegria.

Fevereiro de 1998. Elvira estava como Presidente Nacional da União Feminina, organização que trabalha com mulheres em suas várias idades, com o fim de ajudá-las na compreensão missionária. Esse mês foi separado por Elvira para oração a Deus em favor do trabalho com as mulheres uruguaias. Sua maior preocupação era a necessidade de preparo de liderança em nível local e nacional.

Num certo dia em que orava na praia, a resposta de Deus veio clara em sua mente. Era o que deveria ser feito! Imediatamente voltou para casa. Teve medo de continuar orando, pois o desafio parecia grande demais. Como as mulheres batistas uruguaias poderiam abrir e manter uma Escola de Missões?

Depois de se refazer do susto, Elvira voltou a Deus em oração e se colocou à disposição dEle como instrumento para a realização da Escola de Missões. Ao compartilhar com algumas irmãs da União Feminina descobriu que elas oravam pelo mesmo motivo. Assim fizeram uma campanha em todo o País com o lema: "Escola de Missões, um Desafio de Fé".

Na assembleia anual da União Feminina, em 15 de Outubro de 1998, de joelhos no chão votaram a criação da Escola de Missões e uma comissão para gerenciá-la foi composta por uma brasileira, uma norte-americana e uma uruguaia.

Deus através da disposição e esforço daquelas mulheres providenciou tudo o de que necessitavam: professores, alunos, local para a escola, ofertas. Daquela escola saíram servos comprometidos com suas igrejas e com a evangelização no Uruguai, no Paraguai e no Chile. Aquele país que antes recebia missionários batistas agora estava enviando missionários para outros países.

Setembro de 1999. Encontro Nacional de Senhoras. Entre elas um grupo de Durazno, irmãs queridas de Elvira. Ela olha uma a uma aquelas irmãs e quase não pode acreditar no que vê: Sra. Glayds faz parte do grupo. 22 anos antes seu marido recebera uma Bíblia das mãos do Pr. Geraldo. Mas Glayds na época era rebelde em relação a Deus e à Bíblia e indiferente em relação aos missionários. Agora ali estava ela naquele encontro especialmente para pedir perdão à Elvira e Pr. Geraldo por não ter aberto sua casa para ouvir a palavra de Deus. Toda a indiferença dissipada e transformada em louvor e adoração. Anos mais tarde foi a vez de Pr. Geraldo receber a recompensa de seu trabalho com a família de Glayds ao encontrar seu filho Hector Alejandro César Pinto, numa atualização para missionários em Sapucaia – R J, em Fevereiro 2011. Aquela Bíblia oferecida e que permaneceu 20 anos fechada na estante, em

um momento de crise familiar foi aberta e nela encontrada a Salvação em Jesus Cristo. Além da Salvação Alejandro recebeu de Deus, também, a chamada missionária, se preparando para tal.

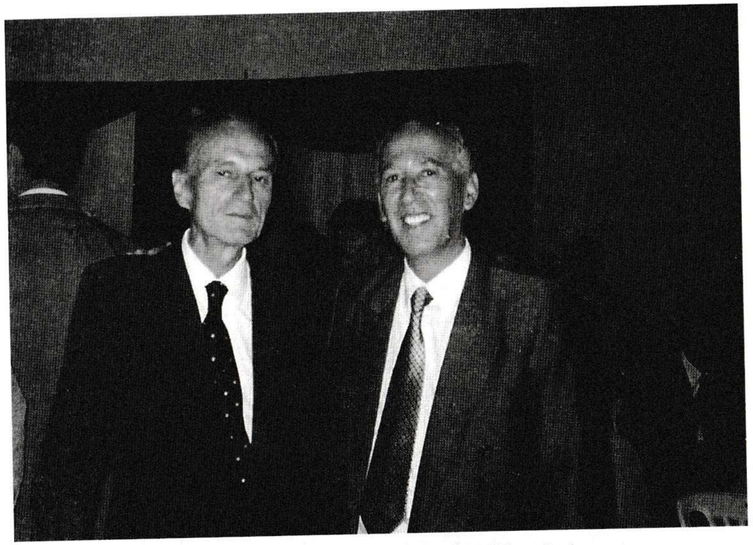
Julho de 2000! O frio estava intenso, mas os missionários tinham muita lenha em casa e a lareira estava sempre acesa. A igreja firme cumprindo seu compromisso de adoração a Deus. Cada um colocando seus dons e talentos à sua disposição para o crescimento de sEu Reino. Estudos bíblicos realizados nos balneários perto de Atlântida, Alejandra e Ricardo despertados que foram por Deus, colocaram seus dons inteiramente em suas mãos como líderes da música. A Ele que é o dono da obra missionária toda a honra!

A zona balneária do Uruguai situa-se na costa desde Montevidéu até Punta Del Leste. Os vários balneários são cortados por uma rodovia ligando as duas cidades. A frente missionária batista situava-se no lado da costa, de forma que os missionários ainda não tinham alcançado nenhuma pessoa que morava do outro lado da rodovia. Depois de muita oração Deus abriu uma porta para esse trabalho. Era D. Olga que queria em sua casa um grupo para estudos bíblicos. O mesmo foi iniciado por Elvira em agosto de 2000. A Deus todo o agradecimento... Eles haviam atravessado a rodovia.

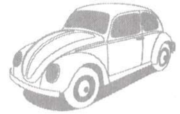
A obra missionária batista é feita por todos, com cada um fazendo a sua parte. Para alcançar outros países, uns são chamados a irem, outros a coordenarem, outros a ofertarem e todos a orarem. O importante para Deus é que ninguém deixe de cumprir sua missão.



Terreno adquirido para construção do templo da Igreja Batista de Atlântida



Pr. Geraldo com o Pr. Waldemiro Tymchak
(O executivo pai dos missionários)da JMM



O Retorno

Reflexões e Lembranças

29 anos depois da saída do Brasil rumo ao Uruguai, numa aventura maravilhosa em um fusca azul, Pr. Geraldo e Elvira se preparam para a volta. Ele recebera outro desafio: Voltar ao seu País para assumir o programa de Mobilização Missionária da Junta de Missões Mundiais no Estado de Minas Gerais. Mais uma vez era hora de deixar o que haviam construído para outro começo, outro ministério. Um trabalho nunca feito antes, pois até agora tinham sido plantadores de igrejas.

Para Elvira a aceitação do desafio significava deixar para trás conquistas importantes: sua casa, móveis, seu jardim, os filhos na fé, a igreja. Nem seu cachorrinho Popy poderia viajar ao Brasil com ela. Naquele momento não sabia ela que seu trabalho continuaria no Brasil, na liderança da União Feminina

Missionária Batista no Estado de Minas, como Diretora Executiva.

Em retrospectiva ela relembra parte a parte, a dedicação de sua avó, colocando seus netos nas mãos de Deus. Olha e vê no presente quantos deles Deus chamou especificamente para o ministério. Não só netos, mas também bisnetos. Ela própria é fruto daquelas orações. Os outros são: Berenice e Camilo Gonçalves, seus irmãos; Elizete, Cristiane e Lídia Cardoso. Entre os bisnetos estão: Eliane Gonçalves Rangel, Ana Cristina Rangel, Larissa Macharete Gonçalves, Paula Brum, Daniel Gonçalves Rangel e Flávio Gonçalves Cunha. Os outros, netos e bisnetos, servem a Deus através de suas profissões.

Pr. Geraldo também se deixa levar pelos pensamentos e lembranças. Saudoso, vê passar em sua mente fatos marcantes vividos no decorrer de todos aqueles anos. O primeiro fato que lhe vem à mente é a viagem Brasil/Uruguai, no seu fusca azul. Onde estaria ele nesse momento? Fora vendido há muitos anos a um morador da cidade de Santana do Livramento, por necessidade de uma condução maior. A saudade é tanta que se pudesse viajaria até a fronteira Uruguai/Brasil e procuraria por ele em toda a cidade de Santana. E se o encontrasse pagaria caro para tê-lo de volta.

Lembra-se também de seus antigos colegas de trabalho na empresa General Motors do Brasil e o que eles lhe disseram ao saberem que seria missionário. Se pudesse revê-los... Diria a cada um deles que valeu a pena deixar um bom emprego e obedecer ao chamado de Deus.

Durante os anos de serviço missionário no Uruguai, Deus havia levado para junto de Si os irmãos Rangelito, Antônio e Adalberto. Também seus pais Joaquim e Isaura Rangel. Por circunstâncias de horário de vôo, não lhe fora possível estar presente com seus familiares em nenhuma daquelas ocasiões de tristeza.

Diante de todas essas lembranças Ele reconhece que Deus havia sido fiel e de uma forma muito especial no dia da morte de seu pai, ocorrida por um acidente automobilístico. Na ocasião ele estava fora de Atlântida em visita a uma irmã na praia de La Tuna. Ao saber do fato voltou imediatamente para Atlântida na busca de um voo para o Brasil. Todos os esforços foram em vão.

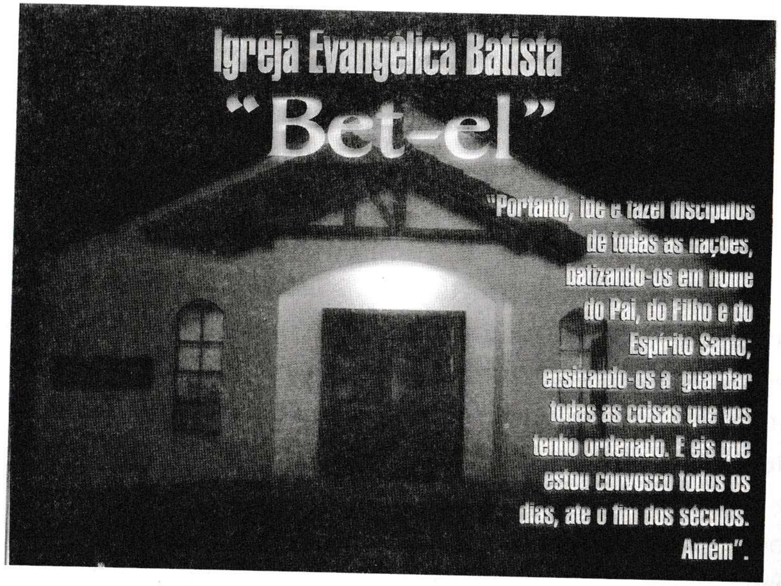
A dor parecia insuportável. A solidão era mais fria do que aquela tarde invernosa e sombria. Sentia-se desamparado. Esta experiência lhe fez lembrar a solidão de Jesus na hora de sua morte. Quando ali na cruz perguntou para Deus: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste"? Marcos 15.34.

A praia deserta foi o lugar de abrigo para um encontro mais íntimo de . Geraldo com Deus. E foi ali sozinho que ele fez a oração que serviu de canal para Deus lhe dar o consolo.

— Senhor Deus, agora já não tenho meu pai físico! Mas por Jesus tornei-me teu filho. Peço-te que me concedas a graça de conhecê-lo mais e melhor como meu Pai Celestial.

Após a oração muitas perguntas surgiram em sua mente: Será que Deus se importava com seu pedido? Aceitaria Ele o desejo do seu coração? Diante destas e outras dúvidas, ao le-

vantar os olhos ao céu, Pr. Geraldo contemplou um lindo arco íris, circulando entre céu e mar. Naquele momento entendeu que Deus lhe respondia positivamente. Desde então seu esforço para conhecê-lo mais e melhor é constante. Deus, além de todos os Seus atributos é também Aquele que transforma a tristeza e dor em consolo e bênçãos.



Templo da igreja Batista de Atlântida

Uruguai – Brasil. De volta para casa

Após a decisão pela volta o grande sorriso nos rostos marcados pelo tempo era a confissão perfeita da alegria de ter "combatido o bom combate, terminado a carreira para aquele tempo e guardado a fé" no Deus que chama, prepara, envia e cuida. Pelo tanto que trabalharam quase não se dão conta de quão rápido o tempo passou. Os filhos crescidos, como resposta de suas orações, estão engajados no ministério.

Mais uma vez os queridos missionários reconhecem que Deus precisa de mais pais e mães que orem por seus filhos. Pessoas como Isaura e Joaquim. Como e Elvira Brum, Terezinha e Camilo. Pais como eles próprios, que roguem diariamente a Deus "que mande trabalhadores para sua seara" e que entre eles estejam seus filhos e netos.



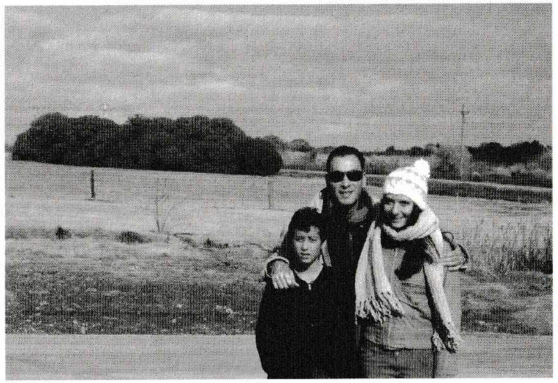
Foto atual dos missionários Geraldo e Elvira



Geraldo, Elvira e os três filhos adolescentes; Daniel, Eliane e Ana Cristina



Agora, os três filhos casados, Breno, filho da Ana Cristina e Gabriel, filho da Eliane



Daniel e seus filhos; Ailin (Chilena) e Lucas (Uruguaio) disfrutando do frio

Referências Bibliográficas

Informações fornecidas por Pr. Geraldo e Elvira Rangel

Impressos Denominacionais

Correspondências enviadas do Uruguai à Junta de Missões Mundiais no Brasil.

Internet – www.google.com.br

SOBRE A AUTORA

Senhorinha Gervásio Lourenço Bragança

Nasceu em Humaitá, município de Mutum em 10 de abril de 1958. Em Belo Horizonte fez o Curso Livre de Educação Religiosa no Seminário Teológico Batista Mineiro, onde foi professora nos anos 1996 a 2002. Casou-se com Wagno Alves Bragança com quem teve três filhos: Bruno Gervásio Bragança, Breno Gervásio Bragança e Wagno Alves Bragança Júnior. Trabalhou na Igreja Batista Central no Palmeiras- BH como educadora nos anos 2004 a 2008, período em que também foi professora no Instituto de Liderança Cristã da Igreja Batista do Barro Preto – BHMG.

Cursou na Escola Guignard – UEMG Educação Artística, turma 2000 e foi professora de Artes no Colégio Batista Mineiro - Series Iniciais, em Belo Horizonte, por um curto período.

Cursou na Casa dos Quadrinhos – Técnico em Artes Visuais

Atualmente é membro da Igreja Batista Memorial em Belo Horizonte.

